

Ministério da Saúde
Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva

REVISTA BRASILEIRA DE CANCEROLOGIA

Anais do I CONGRESSO SERGIPANO MULTIPROFISSIONAL DE ONCOLOGIA (COSMO)
Revista Brasileira de Cancerologia 2020; 66.2 (Suplemento 1)



66₂

Objetivo da Revista

A Revista Brasileira de Cancerologia (RBC) é o periódico oficial de divulgação técnico-científica do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA). Seu principal objetivo é a disseminação do conhecimento sobre o câncer, colaborando para a troca de experiência entre profissionais e pesquisadores do Brasil e do mundo.

Título da Revista

Revista Brasileira de Cancerologia

Título abreviado

RBC

ISSN

0034-7116

Modelo de publicação

Acesso livre

Revisão por pares

Avaliação duplo-cega

Licença

(CC-BY) (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>)

Frequência da publicação

Trimestral

Meio da publicação

Impressa e eletrônica

Página da Revista

<http://www.inca.gov.br/rbc/>

Editores-Chefes

Anke Bergmann, Editora Científica
Letícia Casado, Editora Executiva

Editores-Associados

Alessandra de Sá Earp Siqueira
Mario Jorge Sobreira da Silva

RESUMOS

I Congresso Sergipano Multiprofissional de Oncologia (COSMO)

Data: 8 e 9 de novembro de 2019

Local: Aquários Hotel – Aracaju, SE, Brasil

Aviso

Este suplemento foi criado por meio de um entendimento entre a Universidade Federal de Sergipe (UFS) e a Revista Brasileira de Cancerologia (RBC). À Comissão Científica, cabe a reponsabilidade pelo conhecimento científico de todo o teor publicado neste suplemento. Todos os autores são responsáveis pelas opiniões emitidas e pelo conteúdo de seus resumos.

Ao submeter o manuscrito para publicação, os direitos autorais a ele referentes se tornarão propriedade da revista, que adota a Licença *Creative Commons CC-BY* (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>) e a política de acesso aberto, portanto, os textos ficarão disponíveis para que qualquer pessoa leia, baixe, copie, imprima, compartilhe, reutilize e distribua, com a devida citação da fonte e autoria. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

MINISTÉRIO DA SAÚDE
INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA



I Congresso Sergipano Multiprofissional de Oncologia (COSMO)

Data: 8 e 9 de novembro de 2019.
Local: Aquários Hotel – Aracaju, SE, Brasil.

Tema central: "Ações e Cuidados Interdisciplinares em Oncologia".

Uma breve apresentação

Nos dias 8 e 9 de novembro, o *I Congresso Sergipano Multiprofissional de Oncologia* (COSMO) aproximou acadêmicos e profissionais, clínicos e pesquisadores, sociedade e gestão para cuidado humanizado do paciente oncológico. Nessa perspectiva, foi de grande importância o diálogo multiprofissional e interdisciplinar no âmbito da prevenção, promoção e recuperação da saúde, desde o rastreamento, diagnóstico, abordagem cirúrgica e complementar. Ressaltou-se o papel dos diferentes atores para cuidados em oncologia, pois os pacientes apresentam diversas necessidades desde o diagnóstico até a fase pós-câncer. Somaram-se esforços da esfera federal, das universidades, dos serviços de saúde, dos centros de pesquisa e da sociedade de forma geral na implementação de políticas humanizadas de atendimento oncológico. Foi uma oportunidade de encontro, diálogo coletivo e cuidado centrado no paciente oncológico, com ênfase no tratamento, reabilitação e reinserção na sociedade. Momento ímpar para nosso Estado e para todos que estiveram juntos neste nosso primeiro evento interprofissional. Foi um evento idealizado por docentes e alunos da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e contou com o indispensável apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela chamada ARC n.º 06/2018 L3.

COMITÊ ORGANIZADOR

Comissão Organizadora

Profa. Dra. Mariana Tirolli Rett Bergamasco
Joanna Severo
Alana Santana Lessa
Lorena Santos
Isaac Rafael Lima Silva
Caroline Bomfim Lemos da Cruz

Comissão Científica

Profa. Dra. Fernanda Mendonça Araújo
Profa. Dra. Simone Yuriko Kameo
Profa. Dra. Priscila Feliciano de Oliveira
Profa. Dra. Mariana Tirolli Rett Bergamasco

PROGRAMAÇÃO CIENTÍFICA
I CONGRESSO SERGIPANO MULTIPROFISSIONAL DE ONCOLOGIA (COSMO)

PROGRAMAÇÃO CIENTÍFICA

WORKSHOPS

7.11.2019 às 19h30

Cuidados Paliativos em Fisioterapia (Prof. Ms. Daniel Alveno - UNIFESP/SP)

8.11.2019 13h às 17h30

Cuidados Paliativos Interprofissional (Facilitadora: Dra. Vanessa Barros (geriatra e paliativista - HU e Hospital São Lucas/Rede D'Or/SE, Dr. Toshio Chiba-ICESP/SP, Enfa. Janice Soares - INCA HC IV, Psic. Camilla Ramos - Hosp. São Lucas/Rede D'Or/SE, Dr. Ricardo Ramos - Hospital São Lucas Rede D'Or/SE)

Reabilitação Fonoaudiológica no Laringectomizado Total - Voz, Respiração e Deglutição (Fga. Me. Ana Maria Bezerra Araújo - Hospital do Câncer de Pernambuco)

Nutrição e Câncer Gastrointestinal: como Melhorar Resultados no Pós-Operatório? (Profa. Me. Edla Cabral - Hospital do Câncer de Pernambuco)

CONGRESSO MULTIPROFISSIONAL

8.11.2019 sexta-feira

18h Credenciamento

18h30 Abertura e apresentação artística

19h Oncologia no Estado de Sergipe: da epidemiologia às ferramentas de rastreamento na rede pública (Dr. Carlos Anselmo Lima - HU/HUSE)

19h20 Assistência social: um papel fundamental (Marleberg Matos - HUSE)

19h40 Oncogenética aplicada à clínica (Profa. Dra. Maria Betânia Toralles - UFBA/ DNA Laboratório)

Câncer de Próstata: o que Podemos Fazer pela Saúde do Homem?

20h20 Câncer de próstata: abordagem cirúrgica personalizada (Prof. Dr. Ricardo Bragança -UFS)

20h40 Impacto do bloqueio androgênico na qualidade de vida do paciente com câncer de próstata (Dr. Rafael Lessa - NOS/SE)

21h Fisioterapia para incontinência urinária pós-prostatectomia radical: manejo na prática clínica (Ft. Mila Pires/SE)

9.11.2019 sábado

Câncer de Cabeça e Pescoço: Abordagem Interprofissional

Moderador: Marco Antonio C. de Santana (CLINRAD, San Giovanni, Onco Hematos)

7h30 Avaliação e reabilitação da deglutição em pacientes submetidos ao tratamento de câncer de cabeça e pescoço (Ana Maria Bezerra Araújo - PE)

7h50 Cuidados nutricionais no paciente com câncer de cabeça e pescoço (Profa. Me. Edla Cabral - HCP/PE)

8h10 A importância do monitoramento audiológico para garantir a saúde auditiva: como avaliar e conduzir? (Profa. Dra. Priscila Feliciano de Oliveira - UFS)

8h30 Fisioterapia no cuidado ao paciente com câncer de cabeça e pescoço (Profa. Dra. Marcela Deda UFS - Lag)

8h50 Contribuições do físico médico no planejamento da radioterapia (Gilmar Batista Santos -HUSE)

9h10 Odontologia na prevenção e manejo das toxicidades agudas e crônicas (Profa. Dra. Giulliana Panfiglio Soares - UNIT, San Giovanni)

09h30-10h Intervalo (apresentação de trabalhos)

Oncologia Ginecológica: como Podemos Cuidar da Saúde da Mulher?

Moderador: Dra. Ana Maria Fantini (UFS/ Vitta Oncologia/ Rede Primavera)

10h Câncer do colo do útero: como conduzir cirurgicamente (Profa. Dra. Marina Nogueira- UNIT/ UFS)

10h20 Câncer de mama: abordagem cirúrgica personalizada (Prof. Dr. Thiers Gonçalves- UFS)

10h40 Radioterapia: modalidades, indicações e complicações (Dr. Marco Antonio Santana- CLINRAD, San Giovanni, Onco Hematos)

11h Recuperação funcional do membro superior: evidências nas diferentes abordagens cirúrgicas (Ft. Me. Samantha Rizzi - UNIFESP/SP)

11h40 Terapia nutricional em oncologia ginecológica (Miriam Barros - Onco Hematos)

12h30-13h30 almoço

Dor Oncológica: Possibilidades de Manejo

Moderador: Dr. Michel Alves (Vitta Oncologia/Rede Primavera)

13h30 Controle farmacológico (Dr. Toshio Chiba - ICESP/SP)

13h50 Práticas integrativas (Dra. Vera Maria Silveira de Azevedo HU/HUSE)

14h10 Sedação paliativa (Dr. Toshio Chiba - ICESP/SP)

Estratégias e Ações Interprofissionais

Moderador: Dr. André Peixoto (Onco Hematos)

14h40 Evolução dos quimioterápicos: das drogas clássicas à nova era de medicamentos orais e imunoterapias (Dr. William Giovanni Soares - San Giovanni Oncologia/SE)

15h Controle de sintomas e de reações adversas (Profa. Dra. Simone Kameo - UFS Lagarto)

15h30 Assistência da enfermagem em hipodermólise (Janice Soares - INCA/RJ)

16h Terapia nutricional: cuidado em diferentes momentos (Miriam Duarte Barros - Onco Hematos)

16h30-17h Intervalo

Cuidado Centrado no Paciente

Moderador: Dr. Roberto Queiroz Gurgel (Onco Hematos)

17h Cuidados domiciliares (Dra. Marta Simone Santana Sousa - S.O.S Vida)

17h20 Cuidados peculiares de feridas no paciente oncológico (Janice Soares - INCA/RJ)

17h40 Terapia ocupacional: estratégias de cuidado (Márcia Larissa Farias - HUSE)

18h10 Diretiva antecipada de vontade (Dr. Toshio Chiba - ICESP/SP)

18h30 Suporte emocional em oncologia (Camilla Ramos - Hosp. São Lucas Rede D'Or)

19h Encerramento

A Importância do Teste de Antígeno Prostático Específico para Detecção de Câncer de Próstata

Arnon Silva de Carvalho¹; Thiago Vaz de Andrade¹; Matheus Jhonnata Santos Mota¹; Erasmo de Almeida Júnior²

Introdução: O câncer de próstata é o segundo câncer de maior incidência em homens no mundo. O antígeno prostático específico (PSA) é considerado o mais importante marcador tumoral para diagnóstico e monitorização do câncer de próstata. Níveis de PSA maiores que 4 ng/ml indicam necessidade de biópsia da próstata, pois pode estar relacionado ao risco de câncer de próstata. No entanto, existem variáveis que podem interferir no resultado do PSA para o diagnóstico do câncer. **Objetivo:** Este trabalho teve como objetivo realizar uma revisão de literatura acerca da importância do teste de PSA para detecção de câncer de próstata. **Método:** Foi realizado levantamento bibliográfico do período de 2010 a 2019 na base de dados do PubMed, SciELO e MEDLINE. Utilizaram-se as palavras-chave “antígeno prostático específico” e “câncer de próstata”. Foram encontrados 53 artigos, sendo selecionados 6 artigos que relacionavam o câncer de próstata e o PSA. **Resultados:** Há uma controvérsia na literatura quanto à recomendação do PSA para detecção do câncer de próstata. Apesar de o PSA ser o melhor marcador tumoral para diagnóstico precoce do câncer de próstata, seus valores podem se elevar na presença de outras condições, como na hiperplasia benigna da próstata e prostatites. Além disso, o teste pode apresentar variáveis como o falso-positivo e o sobrediagnóstico. **Conclusão:** Em suma, observou-se que o PSA ainda é utilizado para diagnóstico precoce do câncer de próstata. Contudo, diversas fontes não o consideram como um teste confiável, por isso utiliza-se a biópsia como diagnóstico definitivo.

Palavras-chave: Antígeno Prostático Específico; PSA; Câncer de Próstata.

¹ Graduando do curso Medicina, Universidade Tiradentes (UNIT-SE). Aracaju, SE, Brasil.

² Professor-Titular de Anatomia da UNIT-SE. Aracaju, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Rua Wilton Melo, 36 - Suíssa. Aracaju, SE, Brasil. CEP 49050-790.

E-mail: arnonsilvadecarvalho@gmail.com

A Oncologia e a Atuação da Enfermagem em Cuidados Paliativos à Criança com Câncer: Uma Revisão Integrativa

Luana Santos Costa¹; Joseane Sousa Santos¹; Matheus Liniker de Jesus Santos²; Ana Beatriz da Silva Oliveira¹; Felipe José Aidar Martins³

Introdução: O câncer infantil acomete cerca de 3% das crianças brasileiras. Quando não houver sucesso no tratamento inicia-se a assistência paliativa. Para muitos enfermeiros a assistência paliativa a crianças torna-se uma tarefa árdua dada a dificuldade em lidar com o processo de morte. **Objetivo:** Compreender a atuação da enfermagem em relação aos cuidados paliativos a crianças com câncer. **Método:** Utilizou-se a revisão integrativa nas bases de dados LILACS, SciELO e Adolec Brasil com o intuito de responder à seguinte questão norteadora: “Qual a atuação da enfermagem frente aos cuidados paliativos a crianças com câncer?”, com estudos de janeiro de 2009 até 2019. **Resultados:** Foram analisados 18 artigos que atenderam aos critérios de inclusão. A análise dos artigos possibilitou a construção de três temáticas: compadecimento da enfermagem em relação criança; relação da equipe de enfermagem a familiares da criança enferma; e ações de enfermagem na prestação de cuidados paliativos. **Conclusão:** Ficou evidente que os cuidados paliativos geram sofrimento e uma série de outros sentimentos a enfermagem. Entre as ações de enfermagem destacadas, foi possível identificar maneiras para proporcionar o conforto por meio de terapia medicamentosa, palavras de apoio, presença nos momentos difíceis, além de oferecer suporte emocional à família da criança.

Palavras-chave: Pediatria; Cuidados Paliativos; Câncer; Enfermagem.

¹ Enfermeira. Universidade Federal de Sergipe (UFS). Lagarto, SE, Brasil.

² Biólogo. UFS. Itabaiana, SE, Brasil.

³ Profissional de Educação Física. Doutor. UFS. São Cristóvão, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Luana Santos Costa. Rua Boanerges de Almeida Pinheiro, 344 – Centro. Itabaiana, SE, Brasil. CEP 495000-000. E-mail: luanacosta159@gmail.com

O Início da Fisioterapia Influencia no Desfecho da Amplitude de Movimento e Desempenho Funcional do Ombro após Cirurgia para Câncer de Mama?

Maiana Damares Santos Silva¹; Alana Santana Lessa²; Mimary Bramille de Oliveira Santos²; Fernanda Bispo de Oliveira³; Aline Silva Siqueira Martins⁴; Mariana Tirolli Rett⁵

Introdução: A cirurgia para câncer de mama pode interferir negativamente na amplitude de movimento (ADM) e na funcionalidade do ombro, porém diferentes momentos de início da fisioterapia podem interferir na recuperação funcional. **Objetivo:** Verificar se o tempo de início da fisioterapia influencia na ADM e no desempenho funcional do ombro homolateral à cirurgia. **Método:** Estudo quase-experimental (n=136 mulheres), aprovado pelo CEP da UFS (39816). Grupo A (n=52): até 30 dias após a cirurgia, Grupo B (n=49): entre 30 e 90 dias e Grupo C (n=35): acima de 90 dias. Foram avaliadas a ADM de flexão (FL), abdução (ABD) e rotação lateral (RL) por meio de flexímetro e o desempenho funcional pelo “Deficiência do ombro, braço e mão” (DASH). Todas realizaram 20 sessões de cinesioterapia. **Resultados:** A ADM aumentou significativamente em todos os grupos ($p < 0,001$). A FL, ABD e RL no grupo A aumentou 32%, 33% e 31%; no B 31%, 35% e 24% e no C 23%, 22% e 19%, respectivamente. O DASH diminuiu significativamente e apresentou tamanho do efeito no Grupo A de 1,28 (IC 17,12 a 26,61), no B 1,16 (IC 15,19 a 24,47) e no C 0,71 (IC 7,72 a 16,04). Não foi observada diferença intergrupos na ADM. Após 20 sessões, o DASH apresentou-se significativamente menor no Grupo B quando comparado com A e C. **Conclusão:** Independente do tempo de início da fisioterapia, as mulheres melhoram a ADM e o desempenho funcional do ombro. O início tardio determina menor ganho de ADM e impacto negativo na funcionalidade.

Palavras-chave: Câncer de Mama; Ombro; Amplitude de Movimento Articular; Fisioterapia; Reabilitação.

¹ Fisioterapeuta, Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão, SE, Brasil.

² Graduanda de fisioterapia, UFS. São Cristóvão, SE, Brasil.

³ Mestranda em Educação Física pela UFS. São Cristóvão, SE, Brasil.

⁴ Fisioterapeuta, especialista em fisioterapia em UTI pela Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública, fisioterapeuta da Oncocirurgia do Hospital Cirurgia. Aracaju, SE, Brasil.

⁵ Professora, Doutora em Ciências Biomédicas pela Unicamp. UFS. São Cristóvão, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Mariana Tirolli Rett, Avenida Marechal Rondon, s/n - Jardim Rosa Elze. São Cristóvão, SE, Brasil. CEP 49100-000. E-mail: marianatrb@gmail.com

Atuação da Terapia Ocupacional na Área Oncológica

Gabriela Macedo de Andrade¹; Lucas Oliveira Chaves²; Ruaan Oliveira Carvalho³; Sabrina dos Santos Andrade⁴; Jaine Karoline Felix Santana⁵; Taís Bracher Annoroso Soares⁶

Introdução: O câncer é um termo designador de um amplo conjunto de doenças afetando as capacidades funcionais do indivíduo. O nível de comprometimento requer uma abordagem multidisciplinar, percebendo-se a necessidade de acompanhamento dos serviços de reabilitação da Terapia ocupacional, reconhecido como um dos profissionais requeridos na gestão integral do paciente com câncer. **Objetivo:** Evidenciar o papel da Terapia Ocupacional atuante na área oncológica. **Método:** Foi realizado uma revisão de literatura com os seguintes descritores pesquisados: “Terapia Ocupacional”, “Occupational Therapy”, “Oncologia”, “Medical Oncology”, nas bases de dados eletrônicas BVS, PubMed em estudos publicados entre 2010 e 2019. **Resultados:** Foram encontrados 192 artigos na BVS, 487 no PubMed, no total de 679 artigos e utilizados 7 estudos de acordo com os critérios de exclusão. As amostras das pesquisas variaram entre 2 e 140 pessoas no qual a terapia ocupacional utiliza atividades, auxiliando a retomada do controle de vida e de seus hábitos. **Conclusão:** A terapia ocupacional é essencial em facilitar a exploração do sentido do self na fase de sobrevivência, a fim de manter o desempenho ocupacional. É necessário fortalecer os estudos sobre o assunto, garantindo o fornecimento de evidências sobre o impacto da intervenção terapia ocupacional na oncologia. **Palavras-chave:** Terapia ocupacional; Oncologia; Câncer.

¹ Graduanda em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Lagarto, SE, Brasil.

² Graduando em Enfermagem pela Universidade Salvador. Salvador, BA, Brasil.

³ Graduando em Farmácia pela UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁴ Graduanda em Terapia Ocupacional pela UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁵ Graduanda em Terapia Ocupacional pela UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁶ Terapeuta Ocupacional. Doutoranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação da UFS. Aracaju, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Gabriela Macedo de Andrade. Rua Manoel Damasceno, 144 - São José. Lagarto, SE, Brasil. CEP 49400-000. E-mail: gabrielamandrade0805@gmail.com

Impacto da Ansiedade e Depressão na Qualidade de Vida do Paciente Oncológico

Thiago Vaz de Andrade¹; Arnon Silva de Carvalho¹; Matheus Jhonnata Santos Mota¹; Sílvia Alice Falcão dos Anjos¹; Erasmo de Almeida Junior²

Introdução: Atualmente o câncer é uma das principais causas de morte do mundo. Devido a esse estigma, tendo uma construção histórica como doença incurável, além de ter tratamentos invasivos e dolorosos que mudam a imagem corporal da pessoa, o câncer tem um impacto na qualidade de vida do paciente. Assim, entende-se qualidade de vida quando relacionada com o fator saúde, o quanto uma doença ou um estado crônico interfere no cotidiano do indivíduo. Evidenciando a relação da ansiedade e depressão na qualidade de vida do paciente oncológico. **Objetivo:** O referido trabalho visa a fazer uma revisão de literatura acerca de estudos que abordem sobre o impacto da ansiedade e depressão na qualidade de vida do paciente com câncer. **Método:** Trata-se de um estudo de revisão de literatura, por meio de artigos de 2012 a 2019 disponíveis nos bancos de dados: SciELO, LILACS e Bireme. Foram utilizadas as palavras-chave: qualidade de vida; ansiedade; neoplasia; e depressão. Entre 51 artigos pesquisados, 12 tiveram relação e foram selecionados. **Resultados:** Com base na revisão de literatura realizada, constatou-se que a ansiedade e depressão em pacientes com câncer reduz a qualidade de vida, causando uma diminuição na adesão ao tratamento e uma alta morbidade e mortalidade. **Conclusão:** Conclui-se que, considerando o alto número de pacientes oncológicos com sintomas depressivos e de ansiedade, aliado à falha no diagnóstico ou tratamento adequado desses transtornos psiquiátricos, é imprescindível uma maior atenção à saúde mental dos pacientes, tendo um olhar multidisciplinar e amplo sobre o câncer e suas consequências.

Palavras-chave: Qualidade de vida; Depressão; Ansiedade; Neoplasia.

¹ Graduando do curso Medicina, Universidade Tiradentes (UNIT-SE). Aracaju, SE, Brasil.

² Professor-Titular de Anatomia da UNIT-SE. Aracaju, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Thiago Vaz de Andrade. Rua Engenheiro Antonio Gonçalves Soares, 480 - Luzia. Aracaju, SE, Brasil. CEP 49045426.
E-mail: thiagovazzandrade@gmail.com

Cuidados Paliativos em Crianças na Área Oncológica

Gabrielle Lucindo¹; Gabriela Macedo²; Lucas Oliveira³; Mayara Pereira⁴; Ruan Oliveira⁵; Simone Otília⁶

Introdução: O cuidado paliativo para crianças e adolescentes com condições que limitam a vida é uma abordagem de cuidado total, ativo e engloba os elementos físico, emocional, social e espiritual. Ele centra-se no aumento da qualidade de vida para a criança e oferece suporte para a família, inclui controle dos sintomas angustiantes, provisão de substitutos e de cuidado durante a morte e no luto. **Objetivo:** Avaliar os cuidados paliativos em crianças na área oncológica. **Método:** Foi realizado uma revisão de literatura com os seguintes descritores pesquisados: “Criança”, “Child”, “Cuidados Paliativos”, “Palliative Care”, “Oncologia”, “Medical Oncology”. Nas bases de dados eletrônicas BVS (Wiley Online Library, SciELO, LILACS, MEDLINE), PubMed, em estudos publicados entre 2015 e 2019. Foram inclusos na pesquisa estudos controlados e randomizados. **Resultados:** Foram encontrados 172 artigos na BVS, 104 no PubMed, que totalizou 276 artigos e foram utilizados apenas 08, de acordo com os critérios de exclusão. As amostras das pesquisas variaram entre 9 e 256 pessoas, que utilizaram dos cuidados paliativos na área oncológica. Os cuidados paliativos em crianças e adolescentes diagnosticados com câncer traz oportunidades significativas para melhorar a qualidade de vida dos pacientes e suas famílias. **Conclusão:** As famílias de crianças e adolescentes diagnosticadas com câncer devem receber acesso integrado e precoce a conceitos de cuidados paliativos centrados para minimizar a carga de sintomas, aliviar o sofrimento, gerenciar a dor e fornecer cuidados preventivos de luto. Torna-se necessária a melhoria do sistema de saúde e serviços em geral no âmbito do diagnóstico precoce.

Palavras-chave: Cuidados Paliativos; Criança; Oncologia.

¹ Graduanda em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Lagarto, SE, Brasil.

² Graduanda em Terapia Ocupacional pela UFS. Lagarto, SE, Brasil.

³ Graduando em Enfermagem pela Universidade Salvador. Salvador, BA, Brasil.

⁴ Graduanda em Odontologia pela UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁵ Graduando em Farmácia pela UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁶ Enfermeira. Mestre em Saúde e Ambiente pela Universidade Tiradentes. Aracaju, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Gabrielle Lucindo do Nascimento. Rua Trabalhador Ailton Marques, 812 – Luzia. Aracaju, SE, Brasil. CEP 49045-840.
E-mail: gabrielleln@hotmail.com

Oncologia Pediátrica: a Importância do Profissional de Enfermagem

Lucas Andrade Santos¹; Fernanda Kelly Fraga Oliveira²; Douglas dos Santos³; Jeyce Kelly dos Santos Oliveira⁴; Laizy Rayany Oliveira Santos⁵; Luiz Gustavo da Costa Souza⁶

Introdução: O câncer infantil é formado por um grupo de doenças que universalmente promove a proliferação descontrolada de células atípicas, podendo surgir em qualquer local do organismo. A assistência em oncologia requer do profissional uma prática resolutiva, entre os demais prestadores de saúde que atuam na pediatria oncológica o enfermeiro tem uma maior evidência, visto que tem um caráter de apoio dedicando-se diária e diretamente ao paciente. **Objetivo:** Identificar na literatura qual é a importância do profissional de enfermagem frente ao paciente oncológico pediátrico. **Método:** Trata-se de uma revisão de literatura, onde foram utilizados dados correspondentes ao objetivo deste estudo, em quatro artigos científicos. A busca dos artigos foi realizada nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e da Scientific Electronic Library Online (SciELO). Como critérios de inclusão, foram selecionados artigos que correspondiam ao tema proposto e que foram publicados entre 2015 a agosto de 2019, para exclusão foram retirados artigos que correspondiam à atuação do enfermeiro em outras áreas da saúde. **Resultados:** O conhecimento técnico-científico e a afetividade do profissional enfermeiro no dia-a-dia da enfermagem oncológica são subsídios indispensáveis do cuidado, pois permite o enfrentamento do medo e da ansiedade pela criança causado pelas adversidades da hospitalização. **Conclusão:** Destarte, é notório a necessidade do profissional de enfermagem que atua na oncologia pediátrica ser empático e agir de forma competente, seja no âmbito ético ou técnico, tornando assim a assistência holística e mais humanizada.

Palavras-chave: Enfermagem Oncológica; Enfermagem Holística; Oncologia; Pediatria.

¹ Graduando em Enfermagem pela Universidade Tiradentes (UNIT-SE). Itabaiana, SE, Brasil.

² Enfermeira. Mestre em Saúde e Ambiente. Docente da UNIT-SE. Aracaju, SE, Brasil.

³ Graduando em Enfermagem pela UNIT-SE. Itabaiana, SE, Brasil.

⁴ Graduanda em Enfermagem pela UNIT-SE. Itabaiana, SE, Brasil.

⁵ Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estácio. Aracaju, SE, Brasil.

⁶ Graduando em Enfermagem pela UNIT-SE. Itabaiana, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Lucas Andrade Santos. Pov. Tabuleiro do Chico, S/N – Área Rural. Itabaiana, SE, Brasil. CEP 49511-899. E-mail: lucasandrade9616@hotmail.com

Perfil Clínico e Epidemiológico de Portadores do Osteossarcoma

Lucas Andrade Santos¹; Lícia Dultra Linhares²; Douglas dos Santos³; Jeyce Kelly dos Santos Oliveira⁴; Laizy Rayany Oliveira Santos⁵; Luiz Gustavo da Costa Souza⁶

Introdução: O câncer infantojuvenil é constituído de várias doenças, que tem, em particular, uma proliferação caótica de células malignas. Entre os tipos de neoplasias, os tumores ósseos primários são o sexto de maior incidência pediátrica, sendo mais corriqueiro na adolescência, representando quase 8% de todas as neoplasias em crianças e adolescentes. O osteossarcoma é um tumor ósseo maligno raro, porém muito agressivo, identificado frequentemente em pacientes entre 10 e 19 anos de idade. **Objetivo:** Identificar na literatura o perfil clínico e epidemiológico de portadores do osteossarcoma. **Método:** Trata-se de uma revisão de literatura, onde foram utilizados dados correspondentes ao objetivo deste estudo, em cinco artigos científicos. A busca dos artigos foi realizada nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e da Scientific Electronic Library Online (SciELO). Como critérios de inclusão, foram selecionados artigos que correspondiam ao tema proposto e que foram publicados entre janeiro de 2015 a setembro de 2019. Foram excluídos artigos que correspondiam a outros tipos de tumores ósseos. **Resultados:** O osteossarcoma geralmente acontece na metáfise de ossos longos, sobretudo no fêmur distal, tíbia proximal, úmero proximal e fíbula. Acomete principalmente indivíduos do sexo masculino (57,7%) e da raça afrodescendente (50%). **Conclusão:** A atenção aos sinais e sintomas e o diagnóstico precoce, garantem um tratamento mais eficaz e são diretamente responsáveis por garantir maiores chances de sobrevida aos pacientes em longo prazo.

Palavras-chave: Neoplasias Ósseas; Enfermagem Oncológica; Osteossarcoma; Pediatria.

¹ Graduando em Enfermagem pela Universidade Tiradentes (UNIT-SE). Itabaiana, SE, Brasil.

² Fisioterapeuta. Especialista em Oncologia pela UNIT-SE. Aracaju, SE, Brasil.

³ Graduando em Enfermagem pela UNIT-SE. Itabaiana, SE, Brasil.

⁴ Graduanda em Enfermagem pela UNIT-SE. Itabaiana, SE, Brasil.

⁵ Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estácio. Aracaju, SE, Brasil.

⁶ Graduando em Enfermagem pela UNIT-SE. Itabaiana, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Lucas Andrade Santos. Pov. Tabuleiro do Chico, S/N – Área Rural. Itabaiana, SE, Brasil. CEP 49511-899. E-mail: lucasandrade9616@hotmail.com

Relação entre Obesidade e Risco de Gravidade do Câncer de Próstata

Matheus Jhonnata Santos Mota¹; Thiago Vaz de Andrade¹; Arnon Silva de Carvalho¹; Alberto Calson Alves Vieira¹; Erasmo de Almeida Júnior²

Introdução: Diante da elevada incidência do câncer de próstata no Brasil, estimados 68.220 casos em 2018, consoante ao Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA), vê-se que é o segundo câncer mais diagnosticado entre homens. Sendo a obesidade, um fator agravante, é importante conhecer sua associação com o câncer de próstata a fim de proporcionar um melhor tratamento aos pacientes. **Objetivo:** Realizar uma revisão de literatura não sistematizada e atualizada sobre a influência da obesidade na progressão do câncer de próstata. **Método:** Foi realizada uma busca nas bases de dados Medline, SciELO e PubMed com descritor “Prostatic Neoplasms, Obesity e Body Mass Index”. A partir disso, foram escolhidos 5 artigos entre os 122 encontrados durante o período de 2015-2019, selecionados por data de publicação e relevância sobre o assunto. **Resultados:** Percebeu-se que a obesidade está associada à maior agressividade da doença. Contudo, seu exato mecanismo não é conhecido, mas algumas hipóteses apontam para uma influência multifatorial do tecido adiposo, que secreta interleucina-6, fator de necrose tumoral alfa e leptina, associados à progressão e metástase de muitos tipos de câncer. Nesse sentido, a expansão do tecido adiposo periprostático pode influenciar o comportamento do câncer. Além disso, alguns estudos apontam que a inflamação crônica, devido ao consumo de gorduras saturadas, aumenta a concentração de insulina no sangue e estimula a proliferação celular prostática. **Conclusão:** Ainda que os mecanismos bioquímicos permaneçam inconclusivos, as evidências suportam que indivíduos obesos têm maior risco de gravidade do câncer de próstata, piorando assim o prognóstico. **Palavras-chave:** Prostatic Neoplasms; Obesity; Body Mass Index.

¹ Acadêmicos de Medicina na Universidade Tiradentes (UNIT-SE). Aracaju, SE, Brasil.

² Professor-Titular de Anatomia da UNIT-SE. Aracaju, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Matheus Jhonnata Santos Mota. Avenida Adélia Franco, 3434, Residencial Padre Arnóbio Beta, 1703 - Luzia. Aracaju, SE, Brasil. CEP 49048-010. E-mail: matheusjhonnata@gmail.com

Desenvolvimento de Psicopatologias em Crianças após o Diagnóstico de Câncer: uma Revisão de Literatura

Anna Lillian Canuto Bittencourt¹; Andreane Meneses Andrade¹; Letycia Santos Rodrigues¹; Pedro Reges Pereira Meira²; Ana Claudia Leal Cavalcanti²; Iane Brito Leal³

Introdução: O câncer é uma das principais causas de mortalidade infantil no mundo, com cerca de 300 mil novos casos por ano. A criança, após o diagnóstico, tem sua rotina alterada e, ainda, todos os hábitos comuns, próprios da infância, tornam-se algo distante para ela, devido às limitações que a doença e o tratamento impõem. Assim, além de afetar a fisiologia do corpo, a doença contribui para o desenvolvimento de psicopatologias. **Objetivo:** Analisar a presença de transtornos psicológicos em crianças após serem diagnosticadas com câncer. **Método:** Trata-se de uma revisão literária, baseada em artigos extraídos do PubMed e MEDLINE, dos últimos 05 anos, utilizando o operador booleano “AND” e os descritores em inglês: “Psychopathology”, “Psycho-Oncology” e “Child”. Foram encontrados 166 artigos, dos quais 7 selecionados. **Resultados:** A solidão, o isolamento, a perda de uma infância normal, o desconforto físico, a incapacidade de realizar algumas atividades sozinhos e, por fim, respostas emocionais, como raiva e medo, são exemplos de comportamentos que a criança passa a ter após o diagnóstico. Assim, a depressão, a ansiedade e o Transtorno de Estresse Pós-Traumático são doenças psiquiátricas que podem acometer a criança facilmente nessa mudança de vida. **Conclusão:** O acolhimento dos sentimentos e das emoções, no tratamento de crianças com câncer, é altamente necessário, além da necessidade de ter serviços prestados gratuitos e eficientes. A falta desse acolhimento pode tornar a situação do paciente e dos familiares mais angustiante, o que, em alguns casos, pode levá-los a desistirem do tratamento.

Palavras-chave: Psicopatologia; Psico-Oncologia; Criança.

¹ Graduandas em Medicina pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Lagarto, SE, Brasil.

² Graduandos em Medicina pela Universidade Tiradentes (UNIT-SE). Aracaju, SE, Brasil.

³ Enfermeira. Mestre pela UFS. Aracaju, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Anna Lillian Canuto Bittencourt. Rua Heráclito Muniz Barreto, 55 - Luzia. CEP 49045-200. E-mail: anninhacanuto@hotmail.com

Cuidados Nutricionais frente à Paciente Gestante com Câncer Colorretal

Alana Santos¹; Aline Guimarães²; Juliana Silva Santos³

Introdução: O carcinoma de colorretal (CCR) ocupa o 3º lugar de maior incidência em mulheres em idade reprodutiva. A ingestão do amido resistente sendo fermentada por bactérias no intestino grosso pode aumentar a concentração do butirato no organismo, ácidos graxos de cadeia curta importante para as células epiteliais do colón, juntamente com acetato e propionato. A suplementação de butirato pode inibir ou reduzir a formação do câncer, alguns estudos relatam possível redução nas lesões cancerosas por ingestão oral. **Objetivo:** Compreender se a suplementação de butirato e a ingestão de amido resistente pode melhorar o quadro da gestante com câncer colorretal. **Método:** Trata-se de um estudo bibliográfico enfatizando alimentação, gestantes e câncer colorretal, selecionados materiais bibliográficos na base PubMed e SciELO, idiomas inglês e português, datados nos anos 2005 a 2019, totalizando 20 artigos relacionados ao tema. **Resultados:** Uma dieta rica em amido resistente irá aumentar o volume fecal prevenindo constipação, hemorroidas, além de diminuir formadores de células cancerosas. A suplementação de butirato segundo estudos mostraram mais eficiência a introdução de alimentos produtores de butirato na prevenção e redução de lesões. **Conclusão:** A dieta, meio ambiente e o histórico familiar podem ser os fatores desencadeantes, a ingestão de alimentos fontes de amido e butirato são capazes de reduzir lesões, entretanto, há mais benefícios quando iniciadas no início da gestação como forma de prevenção, além disso, anamneses sendo utilizadas no início do pré-natal, podem colocar a gestante caso necessário como maior predisposta ao desenvolvimento do câncer, submetendo-a a exames específicos.

Palavras-chave: Alimentação; Câncer Colorretal; Gestante; Suplementação;

¹ Nutricionista, Graduada pelo Centro Universitário Uni Ages. Paripiranga, BA, Brasil.

² Nutricionista, Graduada pelo Centro Universitário Uni Ages. Paripiranga, BA, Brasil.

³ Nutricionista, Graduada pelo Centro Universitário Uni Ages. Paripiranga, BA, Brasil.

Endereço para correspondência: Avenida José Neves Costa, 292 – Centro. Simão Dias, SE, Brasil. CEP 49480-000. E-mail: julianastos.nutricionista@gmail.com

A Importância do Brincar durante o Tratamento do Câncer Infantil como Estratégia de Enfrentamento de Comportamentos Deprimidos

Paula Monise Evangelista Leal¹; Tiago dos Santos de Santana²; Mateus Santos Brandão³; Larissa Rezende Santos⁴; Simone Otília Cabral Neves⁵

Introdução: O câncer infantil é uma doença crônica que quando não diagnosticado de modo precoce afeta significativamente a saúde da criança, podendo levá-la à morte. Interferindo na integridade física e gera comprometimentos emocionais. A escolha desse tema justifica-se da necessidade da ludicidade em crianças oncológicas. **Objetivo:** Compreender a importância do brincar no processo de enfrentamento de comportamentos depressivos de crianças com câncer. **Método:** Trata-se de uma revisão de literatura nas bases de dados PubMed/MEDLINE e SciELO nos últimos cinco anos. Onze artigos foram selecionados. **Resultados:** Durante o tratamento do câncer, a criança passa a conviver com perdas significativas e profundas. Isto é, mudanças na rotina, distanciamento e isolamento social, perda de autonomia e restrições de visitas e do próprio brincar. Logo, é comum em ambientes hospitalares, em especial no contexto oncológico, crianças apresentarem sinais depressivos. Sobretudo, quando este reforça aspectos elencados que o processo de hospitalização gera no indivíduo. Nessa vertente, o brincar é apontado como estratégia de enfrentamento das condições estressantes do contexto da hospitalização e tratamento do câncer. Uma vez que, essa prática resgata a participação ativa da criança, alegria o ambiente, minimiza angústias, ameniza as sensações desagradáveis da internação, proporciona momentos de socialização e humaniza o ambiente. **Conclusão:** Diante disso, é visível que o brincar é importante no processo de enfrentamento da doença e na participação ativa da criança durante o tratamento. Logo, possibilita seu engajamento em atividades que proporciona amenizar os impactos da internação, e minimiza sintomas depressivos que a doença pode acarretar.

Palavras-chave: Câncer Infantil; Brincar no Hospital; Hospitalização Infantil.

¹ Graduanda em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Lagarto, SE, Brasil.

² Graduando em Terapia Ocupacional pela UFS. Lagarto, SE, Brasil.

³ Graduando em Odontologia pela UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁴ Graduanda em Terapia Ocupacional pela UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁵ Docente do Departamento de Educação Em Saúde de Lagarto (DESL). Lagarto, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Paula Monise Evangelista Leal. UFS, Campus Lagarto. Avenida Governador Marcelo Déda, 13 - Centro. Lagarto, SE, Brasil. CEP 49400-000. E-mail: paula.monise@hotmail.com

Promoção de Saúde no Câncer de Mama: um Relato de Experiência

Vanessa Tavares de Carvalho¹; Myllian Cristie Fontes dos Santos²; Yuri Vieira Leite³; Andrea dos Santos Dultra⁴

Introdução: O câncer de mama é um problema de saúde pública, sendo a neoplasia maligna mais incidente em mulheres. No Brasil, as estimativas de incidência no ano de 2019 são de 59.700 casos. O Programa Academia da Saúde está incluído na Rede de Atenção à Saúde, fazendo parte das linhas de cuidado, através da intersetorialidade. Assim, a promoção à saúde é uma estratégia para melhoria da qualidade de vida, através do entendimento de que a saúde é resultado do estilo de vida. **Objetivo:** Abordar a importância da prevenção do câncer de mama com um grupo do Programa Academia da Saúde. **Método:** Estudo descritivo, tipo relato de experiência, vivenciado durante ação educativa aos participantes do Programa Academia da Saúde, pelas acadêmicas estagiárias no Núcleo de Apoio a Saúde da Família do município de Lagarto/SE. A intervenção abordou aspectos preventivos nessa doença. Com auxílio de banner, foi destacada a importância do rastreamento, do autoexame e sinais de alerta na mama, em seguida elucidaram-se os cuidados com os hábitos de vida, como alimentação saudável e exercício físico. Por fim, foram esclarecidas as dúvidas do grupo. **Resultados:** Pôde-se sanar dúvidas acerca do autoexame, a partir de qual idade e periodicidade é mais indicado realizar mamografia e como os hábitos de vida podem influenciar na gênese do câncer de mama. **Conclusão:** Essa experiência auxiliou a comunidade no esclarecimento sobre fatores preventivos do câncer mamário e tem impacto positivo no que concerne a disseminação dessas informações. Ademais, contribui na formação social e acadêmica dos agentes envolvidos.

Palavras-chave: Promoção da Saúde; Neoplasias da Mama; Estilo de Vida Saudável.

¹ Graduanda em Nutrição. Universidade Federal de Sergipe (UFS). Lagarto, SE, Brasil.

² Graduanda em Nutrição. UFS. Lagarto, SE, Brasil.

³ Graduando em Medicina. UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁴ Nutricionista graduada pela UFS. Lagarto, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Vanessa Tavares de Carvalho. Rua São Luiz, 648 – Rotary Club. Itabaiana, SE, Brasil. CEP 49506-186. E-mail: vanessatavares32@outlook.com

Impacto da Realidade Virtual na Força Muscular e Equilíbrio Estático e Dinâmico em Crianças e Adolescentes Oncológicos: um Estudo-Piloto

Elânio Soares da Costa¹; Artur Oliveira Nascimento Filho¹; Bruna Silva Souza¹; Mariana Machado Vaz¹; Mirosmar Santos Lima¹; Aida Carla Santana de Melo Costa².

Introdução: Sabe-se que o câncer causa grande comprometimento físico e motor, entre eles a perda de força muscular e a diminuição do equilíbrio estático e dinâmico. A fisioterapia aplicada à oncologia surge, então, como um meio de preservar, manter e restaurar a integridade cinético funcional dos órgãos e sistemas do paciente oncológico, bem como de prevenir os distúrbios causados pelo tratamento da doença. **Objetivo:** Avaliar o impacto da Realidade Virtual na força muscular e equilíbrio estático e dinâmico de pacientes oncológicos, assistidos na Associação de Voluntários a Serviço da Oncologia em Sergipe (AVOSOS). **Método:** Trata-se de um estudo-piloto, cuja amostra foi por conveniência, constituída por quatro pacientes oncológicos, crianças e adolescentes. A pesquisa foi longitudinal, de intervenção e comparação intraindividual, com abordagem quantitativa, submetida ao CEP sob protocolo de número 2.142.939. A coleta de dados foi realizada durante dois meses, em uma frequência de duas vezes semanais, com duração de 30 minutos cada sessão, perfazendo o total de dez intervenções. Foram submetidos ao protocolo de exercícios através do *Xbox 360 Kinect™*, disposto do game *YourShape Fitness Evolved 2012* e aplicados em dois momentos os instrumentos de avaliação Dinamômetro (Bíceps, Tríceps, Quadríceps e Gastrocnêmio) e Escala de Tinetti. **Resultados:** Após intervenção fisioterapêutica, verificou-se aumento da força muscular de todos os músculos avaliados, encontrando diferença estatística apenas para gastrocnêmio e bíceps bilateralmente e otimização do equilíbrio estático e dinâmico. **Conclusão:** Constata-se que a Realidade Virtual oferece impacto positivo na força muscular e no equilíbrio estático e dinâmico de pacientes oncológicos.

Palavras-chave: Oncologia; Fisioterapia; Criança; Adolescente.

¹ Graduados em Fisioterapia pela Universidade Tiradentes (UNIT-SE). Aracaju, SE, Brasil.

² Professora-Titular, Fisioterapeuta do Serviço Pediátrico do Hospital de Urgências de Sergipe (HUSE), especialista em Fisioterapia Neurofuncional pela Universidade Gama Filho (RJ), Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutora em Ciências da Saúde pela UFS. Aracaju, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Elânio Soares da Costa. Rua Professora Ita Costa, 68 – Centro. Petrolândia, PE, Brasil. CEP 56460-000. E-mail: elanio_soares@hotmail.com

Desafio diagnóstico de Linfoma não Hodgkin de grandes Células B Acometendo a Cavidade Oral: Relato de Caso

André Luis Silva Santos¹; Nathalia Ribeiro Matos¹; Liciane dos Santos Menezes²; Ignez Aurora dos Anjos Hora³; Luiz Carlos Ferreira da Silva⁴; Wilton Mitsunari Takeshita⁵

Introdução: Linfoma não Hodgkin corresponde a um grupo heterogêneo de doenças malignas com histogênese linforreticular. É a segunda neoplasia mais comum da região de cabeça e pescoço, acometendo principalmente adultos, com apenas 2% localizados na cavidade oral. **Relato do caso:** Paciente do sexo masculino, 38 anos, internado em hospital para tratamento de actinomicose. O paciente apresentava histórico de lesão ulcerada em palato duro e fora submetido à biópsia com diagnóstico compatível com actinomicose. Ao exame clínico foi observada a presença de edema na região de malar, lábio superior e presença de lesão ulcerada e destrutiva em palato duro e rebordo alveolar superoanterior com exposição óssea, dolorosa à palpação e odor fétido. Exames de imagem revelaram a presença de rarefação óssea em terço médio do palato com margens mal delimitadas. Após tratamento específico para actinomicose, com piora do quadro clínico, foi realizada nova biópsia com exame imuno-histoquímico complementar para melhor caracterização da proliferação mononuclear, confirmando o diagnóstico de linfoma não Hodgkin difuso de grandes células B. Em seguida o paciente foi encaminhado para recurso terapêutico, vindo a óbito. **Conclusão:** O diagnóstico de linfoma não Hodgkin apresenta baixo índice de suspeita clínica. Sendo indicada a realização de biópsia incisional em área criteriosa para que não ocorram erros diagnósticos. A melhor opção de análise é o exame imuno-histoquímico, que distingue as condições benignas e malignas, oferecendo subclassificações dos tipos de linfoma.

Palavras-chave: Maligno; Linfoma; Oral.

¹ Graduando em Odontologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Aracaju, SE, Brasil.

² Cirurgiã-dentista. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Odontologia da UFS. Aracaju, SE, Brasil.

³ Mestre e Professora da disciplina de Estomatologia do Departamento de Odontologia da UFS. Aracaju, SE, Brasil.

⁴ Doutor e Professor da disciplina de Cirurgia Oral II do Departamento de Odontologia da UFS. Aracaju, SE, Brasil.

⁵ PhD e Professor das disciplinas de Radiologia Básica e Diagnóstico Oral do Departamento de Odontologia da UFS. Aracaju, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: André Luis Silva Santos. Rua Barão de Mauá, 40. São Cristóvão, SE, Brasil. E-mail: Andreluis891@outlook.com

Estado Nutricional de Pacientes Oncológicos no Hospital de Urgências de Sergipe

Isabel Rodrigues de Souza¹; Vitória Catarina Santos Soares²; Sariane dos Santos Aranha³; Doriane da Conceição Lacerdas⁴; Tatiana Maria Palmeira dos Santos⁵

Introdução: Câncer é o nome dado a um conjunto de mais de 100 doenças que têm em comum o crescimento desordenado de células, que invadem tecidos e órgãos. Logo, a avaliação antropométrica é um método importante, pois, mensura a composição corporal a partir da altura, peso, circunferências e pregas, ajudando no diagnóstico nutricional do paciente. **Objetivo:** Analisar o estado nutricional dos pacientes oncológicos, adultos e idosos, atendidos no ambulatório de Nutrição de um Hospital Público de Sergipe **Método:** Estudo transversal, descritivo, não probabilístico, no qual foram avaliados pacientes adultos e idosos, de ambos os sexos, com câncer atendidos no ambulatório de Nutrição de um Hospital de Público de Sergipe no período de janeiro a fevereiro de 2019. Para a aferição do peso, foram utilizadas balanças, a estatura foi aferida com estadiômetro acoplado a balança. O referido trabalho foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Tiradentes sob o número de parecer 2.656.512. **Resultados:** Foram atendidos 92 pacientes, com idade entre 30 a 85 anos, sendo a maioria do sexo feminino 62 (67,40%) e com 30 (32,40%) do sexo masculino, segundo o IMC estavam 48 (52,17%) acima do peso, 31 (33,70%) eutróficos e 13 (14,13%) com baixo peso. **Conclusão:** Por meio dos dados obtidos é visto a importância de se avaliar o paciente com todos os tipos de câncer, para que assim possa ser realizada a intervenção dietética ideal e dessa forma, contribuir de forma positiva para o tratamento e prognóstico.

Palavras-chave: Câncer; Antropometria; Estado Nutricional.

¹ Graduanda em Nutrição Centro Universitário Estácio de Sergipe. Estagiária do Hospital de Urgências de Sergipe (HUSE). Aracaju, SE, Brasil.

² Graduanda em Nutrição Universidade Tiradentes (UNIT-SE). Estagiária HUSE. Aracaju, SE, Brasil.

³ Graduanda em Nutrição Centro Universitário Estácio de Sergipe. Aracaju, SE, Brasil.

⁴ Mestre em Ciências da Saúde. Nutricionista do HUSE. Aracaju, SE, Brasil.

⁵ Profa. Mestre do Departamento de Nutrição da UNIT-SE. Doutoranda no Programa de Pós-graduação de Saúde e Ambiente da UNIT-SE. Aracaju, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Rua Grugim, 174 - Rosa Elze. São Cristóvão, SE, Brasil. CEP 49100-000. E-mail: nutriisa.ro@gmail.com

Alteração Ponderal de Peso em Mulheres no Tratamento para Câncer de Mama em um Hospital Público de Sergipe

Vitória Catarina Santos Soares¹; Tirza Ribeiro de Aquino²; Thaliny André Costa³; Isabel Rodrigues de Souza⁴; Doriane da Conceição Lacerdas⁵; Tatiana Maria Palmeira dos Santos⁶

Introdução: O câncer de mama (CA) é um agravo de saúde pública, já que eleva as taxas de mortalidade dos sobreviventes e pacientes que estão em tratamento, pois, está relacionada ao aumento de citocinas pró-inflamatórias que atuam para a progressão da doença. O uso de medicações e sintomas causados pelo tratamento desencadeiam mudanças no organismo que contribui para uma maior incidência de excesso de peso e até obesidade associada ao câncer de mama. **Objetivo:** Avaliar o estado nutricional (EN) em mulheres com câncer de mama atendidas no ambulatório de nutrição de um Hospital de Público de Sergipe. **Método:** Estudo transversal, descritivo, onde foram avaliados pacientes com câncer de mama atendidos no ambulatório de Nutrição em um Hospital de Público de Sergipe, no período de dezembro de 2017 a agosto de 2018. Foram coletados dados de peso, altura para índice de massa corporal (IMC) e circunferência braquial (CB). Para a aferição do peso, foram utilizadas balanças. A estatura foi aferida com estadiômetro acoplado a balança e CB com fita métrica de 150cm. O referido trabalho foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Tiradentes sob o número de parecer 2.656.512. **Resultados:** Amostra composta por 185 pacientes adultas e idosas com câncer de mama. De acordo com o IMC, 132 (71,35%) apresentam excesso de peso, 4 (2,16%) abaixo do peso e 49 (26,48%) eutróficas. **Conclusão:** As mulheres apresentaram, em sua maioria, excesso de peso que pode estar atrelado a fatores como: inatividade física, depressão, medicações, fatores hormonais e sintomas referentes ao tratamento. **Palavras-chave:** Câncer; Mama; Obesidade.

¹ Graduanda em Nutrição, Universidade Tiradentes (UNIT-SE). Estagiária do Hospital de Urgências de Sergipe (HUSE). Aracaju, SE, Brasil.

² Graduanda em Nutrição, UNIT-SE. Aracaju, SE, Brasil.

³ Graduanda em Nutrição, UNIT-SE. Aracaju, SE, Brasil.

⁴ Graduanda em nutrição Centro Universitário Estácio de Sergipe. Estagiária HUSE. Aracaju, SE, Brasil.

⁵ Mestre em Ciências da Saúde. Nutricionista do HUSE. Aracaju, SE, Brasil.

⁶ Profa. Mestre do Departamento de Nutrição. Doutoranda no Programa de Pós-graduação de Saúde e Ambiente da UNIT-SE. Aracaju, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Avenida Quirino, 1100. Bloco 1, Apto. 401 - Inácio Barbosa. Aracaju, SE, Brasil. CEP 49940-700. E-mail: vivi.catarina19@hotmail.com

Câncer de Mama em Pacientes do Sexo Masculino no Estado de Sergipe: uma Análise Epidemiológica dos Últimos 5 anos

Yasmin Melo Toledo¹; Everaldo Melo Toledo¹; Mariana Guimarães Nolasco Farias¹; Mariana Santos de Oliveira¹; Laís Costa Matias¹; Marina de Pádua Nogueira²

Introdução: A neoplasia maligna da mama masculina é rara, pouco estudada e ocorre em apenas 0,8 a 1% dos casos de câncer de mama no mundo. O diagnóstico é usualmente tardio e em estádios avançados, tornando o prognóstico pior que o feminino. **Objetivo:** Analisar os internamentos e óbitos por neoplasia maligna da mama masculina em Sergipe entre 2015 e 2019 e comparar com outros Estados do Nordeste. **Método:** Coleta de dados na plataforma DATASUS sobre câncer de mama (CID C50.9) com as variáveis: faixa etária, ano, sexo e etnia. **Resultados:** Foram avaliados 1.295 pacientes internados por câncer de mama, sendo 22 homens. Eles representam 1,6% dos casos em Sergipe, sendo aproximadamente o dobro da incidência mundial. A taxa de mortalidade masculina no Estado foi a maior do Nordeste (27,3%), 2,35 vezes acima do segundo colocado, a Paraíba. Além disso, a taxa de mortalidade masculina é mais que o dobro da feminina (13,35%). A faixa etária mais acometida é de 50-59 anos, responsável por 63,6% dos internamentos e 50% dos óbitos. O ano de 2018 teve a maior quantidade de internações (31,8%) e de óbitos (50%). A etnia não influenciou em internamentos ou óbitos. **Conclusão:** Sergipe tem taxa de mortalidade masculina por neoplasia maligna da mama maior que a feminina, maior que a média mundial e a pior do Nordeste. **Palavras-chave:** Câncer de Mama; Sexo Masculino; Análise Epidemiológica; DATASUS; Sergipe.

¹ Acadêmicos do curso de Medicina da Universidade Tiradentes (UNIT-SE). Aracaju, SE, Brasil.

² Docente do curso de Medicina da UNIT-SE. Aracaju, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Marina de Pádua Nogueira. Avenida Silvio Teixeira, 260, Apto. 302 – Jardins. Aracaju, SE, Brasil. CEP 49025-100. E-mail: marinapnogueira@yahoo.com.br

Efeitos da Dieta com Baixo Teor em Gorduras e Carboidratos em Pacientes Previamente Diagnosticadas com Câncer de Mama

Mariana Santos de Oliveira¹; Lais Costa Matias¹; Mariana Guimarães Nolasco Farias¹; Yasmin Melo Toledo¹; Maria Eduarda Butarelli Nascimento¹; Sydney Correia Leão²

Introdução: O câncer de mama é associado a fatores ambientais como a dieta. Estudos recentes trazem que uma dieta pobre em gorduras e carboidratos é benéfica para pacientes diagnosticadas com câncer de mama, já que possui relação com IL-6 e TNF- α , liberadas pelo tecido adiposo e estas possuem relação com desenvolvimento e pior prognóstico do câncer. **Objetivo:** Descrever efeitos da dieta com baixo teor de gorduras e carboidratos em pacientes diagnosticadas com câncer de mama. **Método:** Foi feita uma busca nas bases PubMed e SciELO até outubro de 2019, a partir dos descritores *Breast Cancer*; *Low fat diet* e seus correlatos em português, com a combinação dos operadores booleanos. Foram elegíveis os ensaios clínicos realizados em humanos nos últimos 5 anos. Foram excluídos revisões sistemáticas e artigos que excluía pacientes diagnosticadas com câncer de mama. **Resultados:** Dos 16 artigos elegíveis foram incluídos 11. Quase todos os artigos foram favoráveis à diminuição de macronutrientes na dieta de pacientes com câncer de mama. Mostraram que pacientes diagnosticadas com câncer de mama e submetidas à dieta pobre em gorduras e carboidratos tiveram um ganho significativo na sobrevida, prognóstico e menor risco do câncer invasivo, visto que se relaciona com a menor resistência à insulina, levando a níveis menores de estrogênio, diminuindo assim os tumores estrogênio dependentes. Porém, a depender do tempo de intervenção, esses achados não foram encontrados.

Conclusão: Quase todos os artigos concordam que a dieta com baixo teor em gorduras e carboidratos favorece o menor risco para câncer de mama invasivo.

Palavras-chave: Neoplasias da Mama; Dieta com Restrição de Carboidratos; Dieta com Restrição de Gorduras; Prognóstico.

¹ Graduanda do Curso de Medicina, Universidade Tiradentes (UNIT-SE). Aracaju, SE, Brasil.

² Médico, Especialista, Professor do Curso de Medicina da UNIT-SE. Aracaju, SE, Brasil

Endereço para correspondência: Mariana Santos de Oliveira. Avenida Professor Acrísio Cruz, 445, Edifício Mont Blanc, Apto. 904 - 13 de Julho. Aracaju, SE, Brasil. CEP 49020-210. E-mail: marianamakalu@hotmail.com

Câncer do Colo do Útero em Faixa Etária Pediátrica: uma Análise Epidemiológica do Nordeste nos Últimos 5 anos

Yasmin Melo Toledo¹; Mariana Santos de Oliveira¹; Mariana Guimarães Nolasco Farias¹; Laís Costa Matias¹; Maria Eduarda Butarelli Nascimento¹; Marina de Pádua Nogueira²

Introdução: A neoplasia maligna do colo de útero (NMCU) tem alta incidência, é frequente nos países em desenvolvimento e é essencialmente causada pelo Papiloma Vírus Humano (99,7% dos casos). É o terceiro câncer mais comum entre mulheres (perde para mama e colorretal) e é a quarta causa de morte por câncer das brasileiras. Apesar da alta prevalência, a incidência mundial estimada, na faixa etária pediátrica, é de apenas 0,4 por milhão, e a brasileira, de 0,9 por milhão. **Objetivo:** Analisar os internamentos e óbitos por NMCU em faixa etária pediátrica no Nordeste entre 2015 e 2019. **Método:** Coleta de dados na plataforma DATASUS sobre NMCU (CID C53.9) em pacientes pediátricos com as variáveis: faixa etária, ano, estado e etnia. **Resultados:** Foram analisados 26.454 pacientes internados por NMCU, sendo 80 pacientes pediátricos. Estes representam 0,3% dos casos no Nordeste, ou seja, aproximadamente 10 mil vezes a incidência mundial e 3 mil vezes a brasileira. A taxa de mortalidade na região foi a maior do país (8,75%). O Norte foi o segundo colocado, com 7,14%. A faixa etária mais acometida é de 15-19 anos, responsável por 72,5% dos internamentos e 100% dos óbitos. O ano de 2016 teve a maior quantidade de internações (35%) e de óbitos (42,85%). A cor mais afetada foi a parda, com 73,75% dos internamentos e 85,71% dos óbitos. **Conclusão:** O Nordeste tem a maior taxa de mortalidade pediátrica por NMCU, incidência aproximadamente 10 mil vezes maior que a média mundial e 3 mil vezes maior que a média brasileira.

Palavras-chave: Câncer de Colo de Útero; Pediatria; Análise Epidemiológica; DATASUS; Nordeste.

¹ Acadêmicos do curso de Medicina da Universidade Tiradentes (UNIT-SE). Aracaju, SE, Brasil.

² Docente do curso de Medicina da (UNIT-SE). Aracaju, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Marina de Pádua Nogueira. Avenida Silvio Teixeira, 260, Apto. 302 – Jardins. Aracaju, SE, Brasil. CEP 49025-100. E-mail: marinapnogueira@yahoo.com.br

Avaliação da Fadiga e Qualidade de Vida em Pacientes Oncológicos Pediátricos Admitidos em um Hospital Público

Maria Luísa de Lucena Moraes¹; Suziany dos Santos Caduda¹; Cayro Ítalo Moura Gabriel²; Mirosmar Santos Lima²; Aida Carla Santana de Melo Costa³

Introdução: O câncer é caracterizado pelo crescimento descontrolado, rápido e invasivo de células com alteração em seu material genético. A fadiga é definida como sensação subjetiva de perda de energia para realizar alguma atividade, já a fadiga oncológica, persiste em sessões de exaustão e cansaço físico e emocional. **Objetivo:** O objetivo desta pesquisa foi avaliar a fadiga e seus impactos na qualidade de vida em pacientes oncológicos pediátricos, assistidos em um hospital público de referência em Sergipe. **Método:** O estudo foi de caráter transversal, observacional e de campo, com abordagem quantitativa, a coleta de dados feita no serviço de oncologia de um hospital público em Aracaju, 30 pacientes foram avaliados no local durante o período de agosto a outubro de 2017, depois, divididos em grupo ambulatorial e internamento, após avaliação inicial, dois questionários foram aplicados, um relacionado a fadiga (*PedsQL™ Multidimensional Fatigue Scale*) e outro para qualidade de vida (*PedsQL™ Pediatric Quality of Life™ Cancer Module*). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UNIT), sob parecer de n.º 2.142.939. **Resultados:** Observou-se predomínio do sexo masculino, com diagnóstico clínico de leucemia e média de idade de $14 \pm 2,89$ anos. Quanto à fadiga e qualidade de vida, o grupo ambulatorial apresenta melhores escores quando comparados aos hospitalizados ($p=0,0239$ e $p=0,212$). Quanto maior a fadiga, menor a qualidade de vida apresentada pelos pacientes ($r=0,612$ e $p=0,003$). **Conclusão:** Diante deste estudo, percebe-se que a fadiga se mostra como um dos determinantes para a qualidade de vida do paciente oncológico pediátrico. **Palavras-chave:** Criança; Adolescente; Câncer; Fadiga; Qualidade de Vida.

¹ Graduanda em Fisioterapia pela Universidade Tiradentes. (UNIT-SE). Aracaju, SE, Brasil.

² Fisioterapeuta pela UNIT-SE. Aracaju, SE, Brasil.

³ Fisioterapeuta, Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Aracaju, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Maria Luísa de Lucena Moraes. Rua Poeta José Salles de Campos, 789 - Coroa do Meio. Aracaju, SE, Brasil. CEP 49035-650. E-mail: malullm17@gmail.com

Oncologia Pediátrica e Escala de Dor: Importância dos Métodos não Farmacológicos

Tiago dos Santos de Santana¹; Mateus Santos Brandão²; Carine Do Nascimento Oliveira³; Simone Otilia Cabral Neves⁴

Introdução: O câncer infantil representa um conjunto de afecções que se caracterizam pela proliferação incontrolada de células anormais. Desse modo, é notório constantes desafios envolvendo a doença, sobretudo seu tratamento e controle da dor. A escolha desse tema justifica-se da necessidade de conhecer métodos eficazes no controle da dor em crianças oncológicas. **Objetivo:** Compreender os métodos não farmacológico no controle da dor em pacientes oncológicos pediátricos. **Método:** Trata-se de uma revisão de literatura nas bases de dados PubMed/MEDLINE e SciELO nos últimos cinco anos. Dez artigos foram selecionados. **Resultados:** Estudos evidenciam a dor como o quinto sinal vital, sendo assim, em crianças com câncer, representa cerca de 78% no início do diagnóstico, 25% a 58% nas fases de tratamento e chega a cerca de 90% no percurso final da doença. Logo, nota-se a necessidade do uso de terapias complementares que visem o conforto e bem-estar do paciente, sobretudo diminuir as dores. Nessa vertente, literaturas apontam alguns métodos não farmacológicos que trazem efeitos positivos na minimização da dor e ajudam a criança a reduzir sua atenção sobre ela. Entre eles; mudanças no ambiente visando ao conforto e ao acolhimento, suporte psicológico, atividades lúdicas, atenção e carinho da equipe, como também, técnicas que envolve massagem e calor. **Conclusão:** Portanto, é visível a importância da utilização de práticas não farmacológicas no tratamento da dor em crianças com câncer de maneira segura e com qualidade. Bem como, profissionais capacitados para identificar, lidar e manejar com a dor desse público.

Palavras-chave: Câncer Infantil; Brincar no Hospital; Hospitalização Infantil.

¹ Graduando em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Lagarto, SE, Brasil.

² Graduando em Odontologia pela UFS. Lagarto, SE, Brasil.

³ Graduanda em Odontologia pela UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁴ Docente do Departamento de Educação em Saúde de Lagarto (DESL). Lagarto, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Tiago dos Santos de Santana. UFS, Campus Lagarto. Avenida Governador Marcelo Déda, 13 - Centro. Lagarto, SE, Brasil. CEP 49400-000. E-mail: tiagosantana65@gmail.com

A Terapia Nutricional para Melhora da Qualidade de Vida de Pacientes Oncológicos em Cuidados Paliativos

Ulhiana Menezes Barbosa¹; Marcos Vinícius dos Santos²; Ketna Lohrany dos Santos Pereira³; Julia Dantas Silva⁴; Anadiane Keise Fontes Chaves⁵; Catilúcia Santana Araújo⁶

Introdução: O tratamento do câncer pode ser feito por meio de terapias que envolvem radioterapia, transplante de medula óssea, quimioterapia, cirurgia e cuidados paliativos (CP), onde esse corresponde ao conforto, controle dos sintomas e na melhora da qualidade de vida dos pacientes onde a patologia se encontra em um estágio avançado. A terapia nutricional (TN) pode ajudar na recuperação do estado nutricional (EN) desses pacientes. **Objetivo:** Associar a TN aos pacientes submetidos a cuidados paliativos. **Método:** Este trabalho consiste em uma revisão bibliográfica realizada por meio de consulta a banco de dados de base nacional e internacional (SciELO, PubMed, LILACS), dando maior ênfase aos trabalhos publicados nos últimos cinco anos (2014-2019), nos idiomas português e inglês. **Resultados:** De acordo com os artigos analisados, a alteração alimentar dos pacientes oncológicos em estado terminal é significativamente alta, devido a mudanças na capacidade de digestão e deglutição, alto catabolismo, sintomas desencadeados pelo uso de fármacos etc. Uma dieta adequada durante a recuperação do tratamento paliativo, é de suma importância para o melhoramento da sintomatologia, levando o paciente a poder ingerir uma maior quantidade e variedade de alimentos. **Conclusão:** a terapia nutricional colabora significativamente na redução dos efeitos colaterais ocasionados pelo tratamento, além do fortalecimento de vínculo entre equipe, paciente e familiar, contribuindo assim para a melhora da qualidade de vida destes pacientes.

Palavras-chave: Câncer; Cuidados Paliativos; Terapia Nutricional.

¹ Graduanda, Departamento de Nutrição da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Lagarto, SE, Brasil.

² Graduando, Departamento de Química da UFS. Lagarto, SE, Brasil.

³ Graduanda, Departamento de Nutrição da UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁴ Graduanda, Departamento de Nutrição da UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁵ Graduanda, Departamento de Nutrição da UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁶ Nutricionista Residente em Atenção Hospitalar à Saúde, Hospital Universitário de Lagarto. Lagarto, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Ulhiana Menezes Barbosa. Rua Água Quente, 144, Pov. Água Fria, Salgado, SE, Brasil. CEP 49390-000. E-mail: ulhianabarbosa@hotmail.com

O Uso da Ludicidade na Infância durante a Terapia Oncológica

Gleyce Kelly Trindade de Lima¹; Amadeus de Jesus Santos²; Anne Caroline Lima de Jesus³; Keyla Bessa Pinto⁴; Maria Isabel Lima Mendonça⁵; Micaelle Nunes Oliveira Machado⁶

Introdução: A terapia oncológica demanda de um tempo prolongado de internamento e isso acaba por afetar no lado biopsicossocial da criança, ademais, culmina em tornar o momento da hospitalização uma vivência traumática. Sem embargo, os métodos de auxílio na assistência, como o uso da ludicidade, acabam por acarretar uma diminuição dessas vivências não confortantes e aumentar a interação das crianças durante esse período. **Objetivo:** Identificar na literatura como a ludicidade contribui de forma positiva para assistência à criança hospitalizada. **Método:** Trata-se de uma revisão de literatura. Foram consultadas as bases de dados da Scientific Eletronic Library Online (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Teve como critérios de inclusão: artigos que correspondentes ao tema proposto, publicados de 2015-2019, em português. Exclusão: artigos que correspondiam à ludicidade fora do âmbito hospitalar e assistência a adultos. **Resultados:** O manejo do lúdico promove uma melhora na assistência, haja vista, o brincar permite uma aproximação maior entre profissional e paciente favorecendo a empatia. Outrossim, a recreação proporciona uma diminuição dos efeitos da internação, promovendo uma melhora na autoestima, humor, segurança, isto é, tornando o ambiente mais agradável e a assistência mais humanizada. **Conclusão:** O uso da ludicidade torna-se imprescindível, visto que, favorece no enfrentamento da situação, permite uma resposta mais positiva ao tratamento e uma aceitação favorável a situação da hospitalização.

Palavras-chave: Ludoterapia; Humanização da Assistência; Criança Hospitalizada; Enfermagem Pediátrica.

¹ Graduanda em Enfermagem pela Universidade Tiradentes (UNIT-SE). Itabaiana, SE, Brasil.

² Graduando em Enfermagem pela UNIT-SE. Itabaiana, SE, Brasil.

³ Graduanda em Enfermagem pela UNIT-SE. Itabaiana, SE, Brasil.

⁴ Enfermeira. Mestre em Biotecnologia Industrial pela UNIT-SE. Aracaju, SE, Brasil.

⁵ Graduanda em Enfermagem pela UNIT-SE. Itabaiana, SE, Brasil.

⁶ Graduanda em Enfermagem pela UNIT-SE. Itabaiana, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Gleyce Kelly Trindade de Lima. Rua Manoel Ribeiro de Andrade, 143 – Centro. Campo do Brito, SE, Brasil. CEP 49520-000. E-mail: gleycekelly97@gmail.com

A Importância do Consumo de Vitamina A no Tratamento e Prevenção do Câncer

Ulhiana Menezes Barbosa¹; Marcos Vinícius dos Santos²; Ketna Lohrany dos Santos Pereira³; Julia Dantas Silva⁴; Raquel de Oliveira Santana⁵; Catilúcia Santana Araújo⁶

Introdução: O câncer é uma patologia multifatorial caracterizado pelo crescimento acelerado e desordenado das células corpóreas resultado de vários fatores etiológicos, sendo um dos principais, a dieta inadequada. As fases de estímulo, promoção e progressão de carcinogênese têm sido frequentemente relacionadas ao estresse oxidativo. **Objetivo:** Avaliar a importância do uso de antioxidantes em pacientes diagnosticados com câncer. **Método:** Este trabalho consiste em uma revisão bibliográfica realizada por meio de consulta a banco de dados de base nacional e internacional (SciELO, PubMed, LILACS), dando maior ênfase aos trabalhos publicados nos últimos oito anos (2011-2019), nos idiomas português e inglês. **Resultados:** Com base nos achados científicos, o consumo de alimentos fonte de vitamina A está associado bloqueio da fase inicial e a propagação da gênese, além da atuação na regulação da diferenciação celular, diminuindo a chance de surgimento de células com características de malignidade. **Conclusão:** São necessários maiores estudos sobre o consumo de vitamina A e demais substâncias antioxidantes no tratamento e prevenção do câncer.

Palavras-chave: Antioxidantes; Câncer; Tratamento.

¹ Estudante, Graduanda, Departamento de Nutrição da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Lagarto, SE, Brasil.

² Estudante, Graduando, Departamento de Química da UFS. Lagarto, SE, Brasil.

³ Estudante, Graduanda, Departamento de Nutrição da UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁴ Estudante, Graduanda, Departamento de Nutrição da UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁵ Estudante, Graduanda, Departamento de Nutrição da UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁶ Nutricionista Residente em Atenção Hospitalar à Saúde, Hospital Universitário de Lagarto. Lagarto, SE, Brasil.

Endereço para a correspondência: Ulhiana Menezes Barbosa. Rua Água Quente, 144, Pov. Água Fria, Salgado, SE, Brasil. CEP 49390-000. E-mail: ulhianabarbosa@hotmail.com

Impacto do Uso de Dieta Imunomoduladora em Pacientes Oncológicos durante a Quimioterapia e Radioterapia

Marcos Vinícius dos Santos¹; Ulhiana Menezes Barbosa²; Ketna Lohrany dos Santos Pereira³; Raquel de Oliveira Santana⁴; Anadiane Keise Fontes Chaves⁵; Catilúcia Santana Araújo⁶

Introdução: O câncer pode ser caracterizado como uma patologia multifatorial crônica decorrente do crescimento anômalo de células no organismo. Por vezes, está associado a uma baixa na função do sistema imunológico, levando a um aumento no estado inflamatório e processos infecciosos. **Objetivo:** Avaliar a importância do uso de dietas imunomoduladoras em pacientes oncológicos durante a quimioterapia e radioterapia. **Método:** Este trabalho consiste em uma revisão bibliográfica realizada por meio de consulta a banco de dados de base nacional e internacional (SciELO, PubMed, LILACS), dando maior ênfase aos trabalhos publicados nos últimos cinco anos (2014-2019), nos idiomas português e inglês. **Resultados:** A dieta imunomoduladora possui nutrientes específicos como: vitamina A,C, glutamina, arginina, cisteína, zinco, que agem de forma direta e indireta sob o sistema imune, podendo auxiliar no tratamento da desnutrição, caquexia, melhora nos marcadores bioquímicos e diminuição nos processos infecciosos e inflamatórios. **Conclusão:** O uso de dietas imunomoduladoras contribui de maneira significativa na redução da depleção musculoesquelética e também a gravidade de toxicidade nos tratamentos antineoplásicos ocasionando a melhora no estado funcional e nutricional dos pacientes.

Palavras-chave: Câncer; Imunomoduladores; Terapia Nutricional.

¹ Estudante, Graduando, Departamento de Química da Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão, SE, Brasil.

² Estudante, Graduanda, Departamento de Nutrição da UFS. Lagarto, SE, Brasil.

³ Estudante, Graduanda, Departamento de Nutrição da UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁴ Estudante, Graduanda, Departamento de Nutrição da UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁵ Estudante, Graduanda, Departamento de Nutrição da UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁶ Nutricionista Residente em Atenção Hospitalar à Saúde, Hospital Universitário de Lagarto. Lagarto, SE, Brasil.

Endereço para contato: Marcos Vinícius dos Santos. Rodovia Lourival Baptista, BR 270, S/N. Pov. Água Fria. Salgado, SE, Brasil. CEP 49390-000. E-mail: marcostande.22.12.13.mv@gmail.com

A Importância das Gorduras Poli-Insaturadas no Tratamento da Caquexia Oncológica

Marcos Vinícius dos Santos¹; Ulhiana Menezes Barbosa²; Julia Dantas Silva³; Raquel de Oliveira Santana⁴; Anadiane Keise Fontes Chaves⁵; Catilúcia Santana Araújo⁶

Introdução: O emagrecimento acelerado, associado a perda ponderal de massa magra é uma condição amplamente encontrada no indivíduo com câncer. Tal condição é um dos principais fatores preditores para o surgimento de processos infecciosos, baixa efetivação do tratamento e desfavorecimento do prognóstico de cura. **Objetivo:** Avaliar a importância das gorduras poli-insaturadas no tratamento da caquexia oncológica. **Método:** Este trabalho consiste em uma revisão bibliográfica realizada por meio de consulta a banco de dados de base nacional e internacional (SciELO, PubMed, LILACS), dando maior ênfase aos trabalhos publicados nos últimos cinco anos (2014-2019), nos idiomas português e inglês. **Resultados:** De acordo com os artigos analisados, a suplementação com ácidos graxos da família ômega-3 e ômega-6 pode representar uma estratégia eficaz na atenuação da ação das citocinas pró-inflamatórias, atuando de maneira favorável sob a tolerância metabólica dos substratos energéticos e diminuição do catabolismo proteico, conservando assim, o estado nutricional e melhora do desfecho clínico. **Conclusão:** O consumo adequado de gorduras poli-insaturadas está associado a uma diminuição significativa na síntese, secreção e ação de citocinas pró-inflamatórias, sendo considerado um excelente recurso na terapia nutricional do paciente oncológico. No entanto, fazem-se necessário maiores estudos para melhor compreensão sob seu processo de ação.

Palavras-chave: Lipídeos; Câncer; Caquexia.

¹ Graduando, Departamento de Química da Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão, SE, Brasil.

² Graduanda, Departamento de Nutrição da UFS. Lagarto, SE, Brasil.

³ Graduanda, Departamento de Nutrição da UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁴ Graduanda, Departamento de Nutrição da UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁵ Graduanda, Departamento de Nutrição da UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁶ Nutricionista Residente em Atenção Hospitalar à Saúde, Hospital Universitário de Lagarto. Lagarto, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Marcos Vinícius dos Santos. Rodovia Lourival Baptista, BR 270, S/N. Pov. Água Fria. Salgado, SE, Brasil. CEP 49390-000. E-mail: marcostande.22.12.13.mv@gmail.com

Integralidade do Cuidado ao Paciente com Câncer de Cabeça e Pescoço: Relato de Experiência

Melissa Duarte¹; Josefa Aparecida Bispo¹; Anderson Pinto²; Isabel Dias³; Danielle Domenis⁴

Introdução: O câncer de cabeça e pescoço pela presença de um tumor maligno nessa região. No Brasil, a incidência desse câncer tem aumentado a cada ano. Entre os principais tratamentos para este câncer, está a radioterapia, que pode causar efeitos colaterais irreversíveis, como: alterações das funções de deglutição e fala, déficit de sensibilidade olfativa e gustativa, que geralmente acompanham deterioração social e emocional. **Objetivo:** Descrever a experiência da atuação integrada de profissionais da atenção básica e especializada no caso de paciente com câncer de cabeça e pescoço. **Método:** Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, produzido a partir de reflexões acerca das experiências vividas por fonoaudiólogas e terapeuta ocupacional durante a atuação em um caso de câncer de cabeça e pescoço. **Resultados:** Após o tratamento de quimiorradioterapia, um idoso teve acesso ao serviço ambulatorial e visitas domiciliares de fonoaudiologia e terapia ocupacional. A atuação aconteceu de acordo com a limitação que há em cada nível de atenção à saúde, de forma interdisciplinar, com objetivos em comum: melhorar a qualidade de vida e promover independência nas atividades de vida diária. Diante da vivência, foi possível observar que um trabalho integrado entre diferentes níveis de assistência permite intervenções complementares, de acordo com cada ambiente de atuação. Ainda, percebe-se que a comunicação é imprescindível para obtenção de bons resultados nesse tipo de intervenção. **Conclusão:** Um trabalho integrado entre os profissionais de diferentes níveis de atenção à saúde pode ser mais completo e promover melhor resolutividade do caso.

Palavras-chave: Neoplasias de Cabeça e Pescoço; Equipe Interdisciplinar de Saúde; Visita Domiciliar; Assistência Ambulatorial; Comunicação em Saúde.

¹ Fonoaudióloga. Residente do Programa Multiprofissional em Atenção Hospitalar à Saúde, Universidade Federal de Sergipe (UFS). Lagarto, SE, Brasil.

² Terapeuta Ocupacional. Residente do Programa Multiprofissional em Atenção Hospitalar à Saúde, UFS. Lagarto, SE, Brasil.

³ Graduanda em Fonoaudiologia pela UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁴ Fonoaudióloga. Doutorado em Ciências Médicas pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Departamento de Fonoaudiologia da UFS. Lagarto, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Melissa Araújo Duarte. Rua Santo Amando, 38 - Centro. Lagarto, SE, Brasil. CEP 49400-000. E-mail: melaraujoduarte@gmail.com

Avaliação e Efeito do Consumo de Vitaminas Antioxidantes em Pacientes com Câncer

Evelyn de Souza Teixeira¹; Clarelis Almeida do Nascimento¹; Anne Karoline de Souza Oliveira²

Introdução: O câncer é definido como o crescimento desordenado de células que invadem órgãos e tecidos, tais células podem aumentar a produção de espécies reativas, exacerbando desordens no processo de carcinogênese. A oferta de vitaminas antioxidantes como a A, E e C pode retardar ou inibir significativamente espécies reativas prevenindo esse desequilíbrio entre as moléculas. **Objetivo:** Avaliar o consumo de vitaminas antioxidantes em pacientes com câncer, e entender sua contribuição para inibir ou atenuar o estresse oxidativo. **Método:** Trata-se de uma revisão bibliográfica, realizada por meio de consultas nas bases de dados: SciELO, PubMed e Google Acadêmico. As publicações foram selecionadas utilizando os seguintes descritores: vitaminas antioxidantes e câncer; consumo de vitaminas antioxidantes na oncologia. **Resultados:** Os estudos ressaltam que o consumo de vitaminas antioxidantes A, C e E, são capazes de prevenir o estresse oxidativo, neutralizando espécies reativas e radicais livres. O consumo de vitamina C e A foi superior a recomendação diária 558-1.264µg/dia tais vitaminas se caracterizam por seu potencial de bloquear a carcinogênese e regular a diferenciação celular, impedindo a progressão de células malignas. Já a vitamina E, pode contribuir para inibição do crescimento das células tumorais, contudo, apesar de sua importância, o consumo observado foi irregular nos estudos avaliados. **Conclusão:** Portanto, o consumo de vitaminas antioxidantes por pacientes com câncer se dá de forma regular para as vitaminas A e C, e irregular para vitamina E. Assim, o consumo adequado dessas vitaminas pode ser um fator benéfico para eficácia no tratamento do câncer.

Palavras-chave: Nutrição; Vitaminas Antioxidantes por Pacientes Oncológicos; Consumo.

¹Graduada em Nutrição pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Lagarto, SE, Brasil.

²Nutricionista, Mestra em Ciência e Tecnologia de Alimentos, Departamento de Engenharia de Alimentos (DTA) da UFS.

Endereço para correspondência: Evelyn Souza. Avenida Heráclito Rollemberg, 4554 – São Conrado. Aracaju, SE, Brasil. CEP 49042-190. E-mail: evesouza28@hotmail.com

Avaliação do Comprometimento Funcional em Pacientes Oncológicos Pediátricos através da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde

Suziany dos Santos Caduda¹; Maria Luísa de Lucena Moraes¹; Ludmily Nascimento Santos²; Paloma Oliveira Bispo²; Aida Carla Santana de Melo Costa³

Introdução: Durante o tratamento do câncer, alterações funcionais podem ser observadas, sendo necessário para a reabilitação, a aplicação de um instrumento que analise de forma individual e padronizada a funcionalidade apresentada pelo paciente, incapacidades impostas para atividades específicas, e fatores ambientais que influenciem a qualidade de vida. **Objetivo:** Classificar e avaliar alterações em pacientes oncológicos pediátricos, segundo a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF). **Método:** Estudo de caráter analítico, observacional do tipo transversal, de campo, sendo a coleta de dados realizada no Setor de Oncologia Pediátrica do Hospital de Urgência de Sergipe e Associação dos Voluntários a Serviço da Oncologia em Sergipe, mediante avaliação dos pacientes no período de agosto a outubro de 2017. Os responsáveis pelos pacientes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e os voluntários assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido. Em seguida, foram feitas perguntas sobre dados gerais e relacionados à doença oncológica. Posteriormente, procedeu-se à classificação do paciente por meio da CIF. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UNIT), sob parecer de número 2.142.939. **Resultados:** A média de idade foi semelhante entre os pacientes do ambulatório ($13 \pm 2,87$) e do internamento ($13,5 \pm 2,93$). Houve predomínio do sexo masculino (65% no ambulatório e 70% no internamento), sendo a leucemia a patologia prevalente (55% no ambulatório e 40% no internamento). **Conclusão:** Sugere-se a construção de um Core Set da CIF para oncologia pediátrica, a fim de conhecer fatores que interferem no processo de reabilitação desses pacientes. **Palavras-chave:** Fisioterapia; Oncologia; Classificação Internacional de Funcionalidade.

¹ Graduanda em Fisioterapia pela Universidade Tiradentes (UNIT-SE). Aracaju, SE, Brasil.

² Fisioterapeuta. UNIT-SE. Aracaju, SE, Brasil.

³ Fisioterapeuta. Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Aracaju, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Avenida Adélia Franco, Cond. Moradas do Adriático, 3662, Edifício Trieste, Apto. 504 – Inácio Barbosa. Aracaju, SE, Brasil. CEP 49048-010. E-mail: suzicaduda@gmail.com

Manejo Nutricional no Câncer de Vesícula Biliar

Alana Santos¹; Aline Guimaraes Matos²; Juliana Silva Santos³

Introdução: O câncer de vesícula biliar (CVB) é uma afecção rara ocupando o quinto lugar das neoplasias do trato gastrointestinal. Os fatores de risco para a ocorrência da doença incluem: idade, gênero, nível de atividade física, alimentação e estilo de vida. Os cuidados com a alimentação requerem dietas restritivas, com baixa quantidade de açúcares, grãos refinados e bebidas açucaradas. O consumo de frutas, proteína vegetal e vitamina C está associada à redução dos riscos, auxiliando no tratamento, uma dieta hipolipídica no pós-operatório auxiliar no alívio dos sintomas da doença. **Objetivo:** Avaliar a ingestão calórica em pacientes com câncer de vesícula biliar. **Método:** Trata-se de um estudo bibliográfico enfatizando a alimentação no tratamento do câncer de vesícula biliar, selecionados artigos na base PubMed e SciELO, idiomas inglês e português, datados nos anos 2005 a 2019, totalizando 15 artigos sobre o tema. **Resultados:** Observou-se um risco aumentado de CVB com uma ingestão alto teor calórico, carboidratos e maior preferência pelo consumo de alimentos ricos em gordura. Uma dieta rica em frutas e vegetais podem impedir o aparecimento de CVB, é encontrado um grande número de agentes potencialmente anticâncer como carotenoides, vitamina C, vitamina E, selênio, ácido fólico, fibra alimentar, fenóis, flavonoides, inibidores de protease, compostos alílicos e esteróis vegetais encontrados em essas fontes alimentares. **Conclusão:** O tratamento do câncer de vesícula biliar apresenta alta morbimortalidade. Além disso, dietas baseadas em vegetais têm baixa densidade energética, baixo teor de colesterol e gordura, alto volume, o que ajuda na prevenção da obesidade.

Palavras-chave: Alimentação; Câncer; Vesícula Biliar; Dieta Hipolipídica.

¹Nutricionista. Graduada pelo Centro Universitário Uni Ages. Paripiranga, BA, Brasil.

²Nutricionista. Graduada pelo Centro Universitário Uni Ages. Paripiranga, BA, Brasil.

³Nutricionista. Graduada pelo Centro Universitário Uni Ages. Paripiranga, BA, Brasil.

Endereço para correspondência: Aline Guimaraes Matos. Avenida José Neves Costa, 292 – Centro. Simão Dias, SE, Brasil. CEP 49480-000.
E-mail: aguimaraes@hotmail.com

Prevalência de Depressão em Mulheres com Câncer de Mama: uma Revisão de Literatura

Gabriela Macedo de Andrade¹; Lucas Oliveira Chaves²; Ruan Oliveira Carvalho³; Sabrina dos Santos Andrade⁴; Amanda Silva Chagas⁵; Magna Galvão Peixoto⁶

Introdução: O câncer é o crescimento desordenado de células que invadem os tecidos e, com capacidade de se espalhar para outras regiões do corpo, e sua origem tem múltiplas causas. O número de mulheres diagnosticadas com câncer de mama tem crescido em todo mundo o que estimula a investigação acerca do estado emocional delas no pós-diagnóstico, ressaltando fatores preponderantes para o seu bem-estar. **Objetivo:** Investigar os fatores que levam a prevalência de depressão em mulheres com câncer de mama. **Método:** Realizou-se o levantamento do material bibliográfico publicado nas bases de dados BVS, LILACS, SciELO e PubMed. Foram utilizados os descritores em português “Prevalência” e “Neoplasias da Mama” para a BVS, LILACS e SciELO; e os descritores em inglês “Prevalence” e “Breast Neoplasms” para o PubMed. Os critérios de inclusão foram artigos publicados no período de 2010 a 2019, disponíveis completos de forma gratuita. Foram excluídos aqueles que não se encaixavam nos critérios de inclusão. **Resultados:** Foram encontrados 41 artigos na BVS, 1 no LILACS, 2 SciELO e 18 PubMed. Destes, foram selecionados 8 da BVS, 1 do LILACS, 2 SciELO e 5 PubMed para leitura completa e análise. Entre os fatores associados a prevalência de depressão podem ser citados o tratamento quimioterápico, presença de dor e limitação do membro superior. **Conclusão:** Dessa forma, cabe ao profissional da saúde, por meio de um trabalho multidisciplinar, investigar e perceber os sintomas depressivos das pacientes, visto que com o diagnóstico precoce, existe possibilidade de minimização de tais sintomas. **Palavras-chave:** Prevalência; Mulheres; Neoplasias da Mama.

¹ Graduanda em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Lagarto, SE, Brasil.

² Graduando em Enfermagem pela Universidade Salvador. Salvador, BA, Brasil.

³ Graduando em Farmácia pela UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁴ Graduanda em Terapia Ocupacional pela UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁵ Graduanda em Terapia Ocupacional pela UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁶ Professora Doutora pelo Departamento de Educação em Saúde da UFS. Lagarto, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Gabriela Macedo de Andrade. Rua Manoel Damasceno, 144 - São José. Lagarto, SE, Brasil. CEP 49400-000. E-mail: gabrielamandrade0805@gmail.com

O Papel da Terapia Ocupacional no Tratamento do Câncer Infantil

Tiago dos Santos de Santana¹; Paula Monise Evangelista Leal²; Larissa Amanda Araújo Santos³; Simone Otília Cabral Neves⁴

Introdução: A criança diagnosticada com câncer vive diferentes situações, que interferem significativamente seus papéis ocupacionais, desenvolvimento e rotina. Sendo assim, o terapeuta ocupacional configura-se como um profissional habilitado para compor o tratamento, visto que, faz uso de diferentes recursos para assistir ao paciente, visando à melhor qualidade de vida suporte e engajamento em atividades ocupacionais significativas para o sujeito. A escolha desse tema justifica-se da necessidade de conhecer a atuação da Terapia Ocupacional na Oncologia Pediátrica. **Objetivo:** Compreender o papel da Terapia ocupacional no tratamento do câncer infantil. **Método:** Trata-se de uma revisão de literatura nas bases de dados PubMed/MEDLINE e SciELO nos últimos cinco anos. Dez artigos foram selecionados. **Resultados:** Estudos evidenciam que o terapeuta ocupacional tem importante papel no tratamento de pacientes oncológicos. Uma vez que, o profissional auxilia o paciente e a família no processo de enfrentamento da doença. Bem como, a compreender o processo corporal e psíquico que a criança pode passar no momento que recebe o diagnóstico do câncer. Além disso, durante o cuidado visa a melhorar a qualidade de vida da criança por meio de reabilitação, prevenção de sequelas, manutenção das atividades correspondentes à idade da criança, bem como, proporciona a (re) descoberta de capacidades e habilidades da criança. **Conclusão:** Diante disso, é visível o papel do terapeuta ocupacional no cuidado e tratamento de crianças com câncer infantil. Portanto, sua atuação visa a melhorar a qualidade de vida, ao passo que a criança continue seu desenvolvimento apesar das restrições decorrentes da doença. **Palavras-chave:** Terapia Ocupacional; Câncer Infantil; Hospitalização Infantil.

¹ Graduando em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Lagarto, SE, Brasil.

² Graduanda em Terapia Ocupacional pela UFS. Lagarto, SE, Brasil.

³ Graduanda em Terapia Ocupacional pela UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁴ Docente do Departamento de Educação Em Saúde de Lagarto (DESL). Lagarto, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Tiago dos Santos de Santana. UFS, Campus Lagarto. Avenida Governador Marcelo Déda, 13 - Centro. Lagarto, SE, Brasil. CEP 49400-000. E-mail: tiagosantana65@gmail.com

Importância dos Cuidados Paliativos no Tratamento de Câncer de Cabeça e Pescoço, com Ênfase na Deglutição: uma Revisão de Literatura

José Igo do Nascimento Santos¹; Tercília Costa de Araújo²; Genef Caroline Andrade Ribeiro³

Introdução: No mundo, o câncer é responsável pela morte de uma a cada seis pessoas, sendo a segunda maior causa mundial. Entre os carcinomas de cabeça e pescoço (CCP), os de laringe são os de maior incidência e os de hipofaringe são relativamente raros e têm o pior prognóstico de todos os CCP. A fonoaudiologia relacionada à oncologia vem ganhando espaço, bem como sua participação na equipe de cuidados paliativos, que visa à humanização e integração no tratamento de pacientes sem possibilidade de cura, reduzindo os sintomas e aumentando a qualidade de vida. **Objetivo:** Este estudo visa à ampliação dos conhecimentos e a comprovação da importância dos cuidados paliativos no tratamento de CCP e descrever os cuidados paliativos no tratamento de CCP, enfatizando o trabalho com a deglutição, a partir de pesquisas em banco de dados. **Método:** Revisão bibliográfica com caráter descritivo-explicativo, a partir de pesquisas em bancos de dados, utilizando como critério de inclusão os artigos sobre CCP, relacionados à deglutição, além de artigos sobre cuidados paliativos. **Resultados:** O paciente tratado de CCP pode apresentar, geralmente, alterações de deglutição, sendo transitórias ou permanentes, dependendo do tipo e tempo de tratamento. O tratamento da disfagia em Cuidados Paliativos, exige a atuação de uma equipe multidisciplinar, tendo o objetivo de auxiliar na alimentação e comunicação do paciente. **Conclusão:** Destarte que a Fonoaudiologia possui vários métodos úteis no tratamento paliativo de pacientes com câncer, sendo as principais, a readaptação para uma alimentação segura e o desenvolvimento de métodos para melhor comunicação do paciente.

Palavras-chave: Cuidados Paliativos; CCP; Deglutição; Fonoaudiologia.

¹ Graduando em Fonoaudiologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Departamento de Fonoaudiologia. Lagarto, SE, Brasil.

² Graduanda em Fonoaudiologia pela UFS, Departamento de Fonoaudiologia. Lagarto, SE, Brasil.

³ Fonoaudióloga pela UFS, Mestre em Ciências Aplicadas à Saúde, Professora Substituta da UFS, Departamento de Fonoaudiologia. Lagarto, SE, Brasil.
Endereço para correspondência: José Igo do Nascimento Santos. Rua Camerino, 279, Centro, Umbaúba, SE, Brasil. E-mail: jinscarmelo@gmail.com

Os Contos de Fadas como Forma Terapêutica para o Tratamento do Câncer: uma Revisão de Literatura

Julia Lorena Santos de Souza¹; João Paulo Dias Costa²; Mariana Soares Goes³; Talita Silva Sobral⁴; Gabrielle Nascimento Lucindo⁵; Raphaela Schiassi Hernandez⁶

Introdução: Os contos de fadas são essenciais para o auxílio na elaboração de conflitos internos, que favorece a estruturação da personalidade e estimula processos cognitivo, produzindo emoções e construindo identificações com os personagens. **Objetivo:** Relatar o uso dos contos de fadas como tratamento terapêutico para pacientes com câncer e identificar a eficácia do uso de contos de fadas para melhora no tratamento do câncer. **Método:** Utilizaram-se os descritores: “Neoplasia”, “Contos de fadas” e “Terapia pela Arte” nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde, SciELO, LILACS e Revista Brasileira de Cancerologia. Foram inclusos estudos sobre os benefícios dos contos de fadas para o tratamento do câncer e excluídos artigos que não se relacionavam com o objetivo do tema. **Resultados:** Foram selecionados 10 artigos publicados entre 2013 e 2018 conforme critérios de exclusão. Os estudos analisados demonstram que o uso do conto de fadas para pacientes com câncer é necessário para uma reorganização do cotidiano, ampliando e enriquecendo a constituição de espaços de criação e experimentação. **Conclusão:** Portanto, os contos de fadas têm como importância obter a promoção da qualidade de vida do indivíduo hospitalizado em torno do dimensionamento das condições e necessidades em relação ao ambiente, família e equipe, considerando sua globalidade e integridade. Além de proporcionar uma troca de saberes ao mostrar os diferentes tipos de contos, considerando a relação de afeto e histórias, visando à perspectiva de qualidade de vida que está diretamente relacionada à possibilidade de agir sobre o mundo e ter projetos para o futuro.

Palavras-chave: Neoplasia; Contos de Fadas; Terapia pela Arte.

¹ Graduanda em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Lagarto, SE, Brasil.

² Graduando em Medicina pela UFS. Lagarto, SE, Brasil.

³ Graduanda em Enfermagem pela UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁴ Graduanda em Odontologia pela UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁵ Graduanda em Terapia Ocupacional pela UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁶ Doutora em Saúde Coletiva e Coordenadora do Curso de Terapia Ocupacional pela UFS. Lagarto, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Rua José Henrique dos Santos, 429 – Palestina. Aracaju, SE, Brasil. CEP 49060-350. E-mail: ulialorenaa@gmail.com

Perfil Epidemiológico das Neoplasias Malignas da Mama no Estado de Sergipe, de 2008 a 2018

Claudete Martins Santos^{1,2}; Cláudia Bispo Martins Santos²; Caroliny Biasuz Faro²; Fernanda Priscilla Barbosa Silva³; William Giovanni Panfiglio Soares⁴

Introdução: O câncer de mama (CM) é atualmente o mais incidente e o responsável pela maioria dos óbitos por câncer em mulheres. Cerca de 1% dos casos acomete homens. **Objetivo:** Descrever o perfil epidemiológico dos pacientes com CM em Sergipe. **Método:** Estudo transversal descritivo a partir de dados de internações e óbitos por CM em Sergipe entre 2008 e 2018. Os dados foram obtidos segundo sexo, faixa etária, regime e caráter de atendimento através do Departamento de Informação em Saúde do Sistema Único de Saúde. **Resultados:** Entre 2008 e 2018, registraram-se 2.687 internações e 326 óbitos por CM. Entre as internações, 2637 (98,14%) ocorreram no feminino. Dos óbitos, 9 (2,76%) foram masculinos e 317 (97,24%) femininos. As internações concentraram-se entre 40 e 59 anos (1461; 54,37%), mesma faixa etária que apresentou maior percentual de óbitos (184; 56,44%). Dos pacientes internados, 1312 (48,83%) pertenciam ao regime privado de saúde, 462 (17,19%) ao público e 913 (33,98%) à categoria ignorado. Os óbitos apurados no sistema privado de saúde foram de 85 (26,07%), no público 107 (32,82%) e na categoria ignorado 134 (41,10%). Foram 1911 (71,12%) internações eletivas e 776 (28,88%) de urgência. Nos óbitos, 1 (0,31%) em caráter eletivo e 325 (99,69%) em urgência. **Conclusão:** O estudo mostrou que internações e óbitos se concentraram nas mulheres entre 40 e 59 anos. Entre os pacientes internados e os óbitos segundo regime, uma quantidade significativa se enquadrou na categoria ignorado.

Palavras-chave: Neoplasias da Mama; Epidemiologia; Hospitalização; Estudos Transversais.

¹ Bióloga. Mestre em Ensino de Ciências pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Aracaju, SE, Brasil.

² Graduanda em Medicina pela UFS. Aracaju, SE, Brasil.

³ Graduanda em Medicina pela Universidade Tiradentes (UNIT-SE). Aracaju, SE, Brasil.

⁴ Médico oncologista clínico. Mestre em Ciências da Saúde pela UFS. Aracaju, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Claudete Martins Santos. Rua Guilhermino Rezende, 61 – São José. Aracaju, SE, Brasil. CEP 49015-170. E-mail: draclaudetemartins@gmail.com

Consumo de Cafeína no Período Gestacional: Achados Carcinogênicos na Laringe dos Neonatos: Estudo Experimental

Gerlane Karla Bezerra Oliveira Nascimento¹; Isabel Ribeiro Rocha Dias²; Maria de Fátima Galdino da Silveira³

Introdução: O carcinoma *in situ* de laringe é uma neoplasia que acomete somente o epitélio de revestimento. Esse epitélio promove um mecanismo intrínseco de hidratação nas pregas vocais que podem ser modificados por fatores extrínsecos, como o uso abusivo de cafeína, ocasionando efeito diurético no corpo. **Objetivo:** Realizar análise histomorfométrica da mucosa da região laringofaríngea dos descendentes de ratas submetidas ao tratamento com cafeína do 21° ao 120° dia de vida. **Método:** O experimento foi aprovado pelo Comitê de Ética em Experimentação Animal da Universidade Federal de Pernambuco. Foram utilizadas 12 ratas da raça *Wistar* e 40 filhotes descendentes dessas. As ratas foram divididas em dois grupos: tratado e controle. No grupo tratado as ratas mães receberam cafeína a 0,1% diluída em água de beber do 21° ao 120° dia de vida e deram origem a prole do grupo tratado, o grupo controle não recebeu aditivos em sua água de beber e deu origem a prole do grupo controle. Aos 30 dias de vida das proles, os animais foram anestesiados e suas laringes foram removidas e fixadas por imersão em solução de formalina a 10%. O material passou por bateria histológica e foi analisado através de microscopia de luz. **Resultados:** Alterações histológicas na mucosa da região laríngea foram evidenciadas por meio de aglomerados de células carcinogênicas. **Conclusão:** Os resultados deste estudo sugerem que o consumo de cafeína durante o período gestacional e de lactação, em ratas, pode ter associação com desordens celulares compatíveis com carcinoma *in situ*.

Palavras-chave: Carcinoma *in situ*; Laringe; Cafeína.

¹ Fonoaudióloga. Doutora em Neurociências, Docente do Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Lagarto, SE, Brasil.

² Graduanda em Fonoaudiologia pela UFS. Lagarto, SE, Brasil

³ Bióloga, Doutora em Ciências, Docente do Departamento de Anatomia da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, PE, Brasil.

Endereço para correspondência: Isabel Ribeiro Rocha Dias. Rua Josafa Vasconcelos, 115, Bloco C, Apto. 301 - Centro. Lagarto, SE, Brasil. CEP 49400-000. E-mail: isabelrrdias29@gmail.com

Perfil Epidemiológico de Internações por Câncer em Mulheres no Estado de Sergipe, de 2007 a 2018

Joanna Severo¹; Luana Rocha de Souza²; Esther Alves Régis dos Santos¹; José Abimael da Silva Santos¹; Amanda Ferreira Barbosa¹; William Giovanni Panfiglio Soares³

Introdução: Estudos epidemiológicos são ferramentas de gestão dos serviços de saúde que contribuem para o planejamento das prioridades em termos de promoção em saúde, por estimarem os grupos mais predispostos a uma doença, sendo, no caso deste trabalho, importante para a detecção e tratamento precoces das complicações causadas por neoplasias. O padrão de internações por câncer apresenta variações regionais, baseado nisso, este trabalho visa a traçar o perfil epidemiológico de internações por câncer em mulheres em Sergipe. **Objetivo:** Descrever o perfil de internações hospitalares por câncer em mulheres, no Estado de Sergipe, de 2007 a 2018. **Método:** As informações referentes às internações são dados secundários obtidos da plataforma DATASUS, tabulados no software Tabwin e descritos com base em valores absolutos e porcentagens. **Resultados:** No período de 2007 a 2018, ocorreram 13.461 internações de mulheres no Sistema Único de Saúde (SUS) por câncer em Sergipe, destacando-se mama (19,5%) e colo de útero (8,8%) como primeiro e segundo lugares, respectivamente. Este padrão se diferencia do restante do país, em que as neoplasias que mais motivam internações são os tumores de mama (29% dos casos), seguidos pelos de pulmão (13%). A faixa etária de 40 aos 69 anos englobou 54,5% das internações, com destaque para as mulheres de 50 a 59 anos (1.435 e 579 internações, respectivamente), padrão que se assemelha ao nacional. **Conclusão:** Em Sergipe, as neoplasias de mama e colo de útero são as que mais internam, sendo as mulheres de 50 a 59 anos a faixa etária mais acometida.

Palavras-chave: Neoplasias da Mama; Neoplasias do Colo do Útero; Perfil de Saúde; Neoplasias Pulmonares; Hospitalização.

¹ Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Aracaju, SE, Brasil.

² Graduanda em Medicina pela Universidade Tiradentes (UNIT-SE). Aracaju, SE, Brasil.

³ Médico. Oncologista Clínico. Mestre em Ciências da Saúde pela UFS. Aracaju, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Rua Guilhermino Rezende, 61 - São José. Aracaju, SE, Brasil. CEP 49015-170. E-mail: jo_anna_severo@hotmail.com

Tendência de Mortalidade por Câncer do Colo Uterino no Estado de Sergipe no Período 2007 a 2017

Caroliny Biasuz Faro¹; Fernanda Priscilla Barbosa Silva²; Claudete Martins Santos^{3,4}; Claudia Bispo Martins Santos³; William Giovanni Panfiglio Soares⁵

Introdução: O câncer do colo uterino é o terceiro tumor maligno mais frequente e a quarta causa de morte em mulheres por câncer no Brasil. O principal fator de risco para o seu desenvolvimento é a infecção pelo papilomavírus humano. Visto ser uma patologia desenvolvimento longo, políticas públicas de rastreamento podem mudar essa realidade.

Objetivo: Analisar as variáveis epidemiológicas, dos casos em que câncer do colo uterino foi a notificação da causa básica de morte, em mulheres na faixa etária de 20 a 49 anos, no Estado de Sergipe. **Método:** Estudo retrospectivo, abordagem quantitativa de dados coletados do Departamento de Informática do SUS no período de 2007 a 2017. A análise foi feita com base no número de notificações, relacionando com as variáveis: faixa etária, ano de óbito e causa básica de morte. **Resultados:** No período analisado, foram registradas 20.623 mortes por câncer do colo uterino no Brasil. O Estado de Sergipe ocupou o 22º lugar, com um total de 282 óbitos apurados. Entre esses casos, houve maior número de óbitos na faixa etária 40 a 49 anos (58,5%). Além disso, o número de óbitos foi crescente até o ano de 2015, que representou 11,7% do total. **Conclusão:** Os dados apontam a necessidade de fortalecer estratégias sobre a prevenção e identificação dessa doença, já que o câncer do colo uterino ainda é uma das principais causa de morte na população feminina jovem.

Palavras-chave: Neoplasias do Colo do Útero; Papillomaviridae; Grupos Etários; Mortalidade.

¹ Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Lagarto, SE, Brasil.

² Graduanda em Medicina pela Universidade Tiradentes (UNIT-SE). Aracaju, SE, Brasil.

³ Graduanda em Medicina pela UFS. Aracaju, SE, Brasil

⁴ Bióloga. Mestre em Ensino de Ciências pela UFS. Aracaju, SE, Brasil.

⁵ Oncologista Clínico. Mestre em Ciências da Saúde pela UFS. Aracaju, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Caroliny Biasuz Faro. Rua Guilhermino Resende, 61 - São José. Aracaju, SE, Brasil. CEP 49015-170. E-mail: biasuzcarol@gmail.com

Perfil Epidemiológico dos Pacientes Diagnosticados com Neoplasias Infantojuvenis em Sergipe entre 2013 e 2019

Esther Alves Régis dos Santos¹; José Abimael da Silva Santos²; Joanna Severo³; Luana Rocha de Souza⁴; Amanda Ferreira Barbosa⁵; William Giovanni Panfiglio Soares⁶

Introdução: Apesar de sua menor incidência em crianças e adolescentes em relação a adultos, dados do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA) apontam as neoplasias como a primeira causa de morte por patologia na população infantojuvenil. Esses cânceres possuem algumas peculiaridades, visto que seu menor tempo de latência pode implicar em maior agressividade e o diagnóstico e início precoce do tratamento podem significar aumento de sobrevida. **Objetivo:** Descrever o perfil epidemiológico da neoplasia infantojuvenil em Sergipe de 2013 a 2019 e o tempo entre diagnóstico e início do tratamento. **Método:** Estudo retrospectivo por coleta de dados secundários do Departamento de Informática do Sistema Único do Brasil. Foram utilizadas as variáveis: sexo, idade, residência e tratamento. **Resultados:** Dos 113 pacientes menores de 19 anos tratados em Sergipe nos últimos 6 anos 54,9% eram do sexo masculino. A média de idade foi de 6 anos, sendo 90,3% residentes em Sergipe. Os cinco tipos de câncer mais frequentes foram: leucemias (18,6%), neoplasia malignas do encéfalo (10,6%), renal (8,8%), tecido conjuntivo (8,8%) e linfomas (8%). Quanto à modalidade terapêutica inicial, a maioria (69%) foi intervenção cirúrgica, 23% quimioterapia e 8% radioterapia. O tempo para início do tratamento foi de até 30 dias para 46,9%; 31-60 dias em 21,2%; e mais de 60 dias em 31,9%. **Conclusão:** A maioria dos pacientes diagnosticados com câncer infantojuvenil tratados em Sergipe é do sexo masculino, são submetidos a tratamento cirúrgico inicial, contudo menos da metade inicia o tratamento dentro de um mês do diagnóstico.

Palavras-chave: Neoplasias; Pediatria; Terapêutica; Tempo para o Tratamento.

^{1,2,3}Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Aracaju, SE, Brasil.

⁴Graduanda em Medicina pelo Centro Universitário Tiradentes (UNIT-SE). Aracaju, SE, Brasil.

⁵Graduanda em Medicina pela UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁶Oncologista Clínico. Mestre em Ciências da Saúde pela UFS. Aracaju, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Esther Alves Régis dos Santos. Rua Guilhermino Resende, 61 - São José. Aracaju, SE, Brasil. CEP 49015-170. E-mail: esther_regis@hotmail.com

Caracterização do Estado Nutricional de Pacientes Oncológicos em Tratamento Antitumoral em um Hospital de Sergipe

Tayane Batista Freitas¹; Marcia Ferreira Cândido de Souza²; Jonathan de Santana Pereira³; Mateus Gois Santos³; Vanessa Tavares de Carvalho³; Delis Maria Conceição Santos⁴

Introdução: O câncer é a segunda maior causa de mortes no mundo, principalmente, entre adultos. O aumento de casos está associado as mudanças no estilo de vida, influenciado por fatores como as alterações alimentares, decorrentes da transição epidemiológica brasileira. Essa doença repercute negativamente no estado nutricional do acometido, que se tornam vulneráveis as inadequações alimentares e riscos nutricionais, devido principalmente, aos efeitos gastrointestinais do tratamento antineoplásico. **Objetivo:** Caracterizar o estado nutricional de pacientes oncológicos em tratamento antitumoral em um Hospital do Estado de Sergipe. **Método:** Estudo transversal que avaliou 51 pacientes do setor de oncologia do Hospital de Urgências de Sergipe (HUSE). A amostra foi composta por adultos com idade entre 19 e 59 anos, de ambos os gêneros. Realizou-se avaliação nutricional através da aferição do peso e altura e o cálculo do Índice de Massa Corporal, utilizaram-se, respectivamente, balança mecânica (máximo de 150kg) e estadiômetro com escala de 200cm. A participação dos pacientes ocorreu mediante aceite e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a análise dos dados foi realizada através do programa SPSS®. Aprovado pelo Comitê de Ética, CAEE número 00862012.7.0000.0058. **Resultados:** Observou-se que 78,4% da amostra era do gênero feminino. Quanto à avaliação antropométrica, verificou-se que o IMC médio foi de $24,95 \pm 5,5 \text{ kg/m}^2$, sendo que 39,2% da amostra apresentaram-se em eutrofia e 27,5% em obesidade grau I. **Conclusão:** Ressalta-se a importância do acompanhamento nutricional durante o tratamento antineoplásico, a fim de evitar riscos nutricionais e melhora na qualidade de vida desses indivíduos.

Palavras-chave: Estado Nutricional; Oncologia; Terapia Combinada.

¹ Nutricionista, Graduada. Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão, SE, Brasil.

² Nutricionista, Doutora pelo Programa de Ciências da Saúde da UFS. São Cristóvão, SE, Brasil.

³ Graduando (a) em Nutrição. UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁴ Graduanda em Biomedicina. Universidade Tiradentes (UNIT-SE). Aracaju, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Jonathan de Santana Pereira. Rua do Cajueiro, 724 – Centro. Arauá, SE, Brasil. CEP 49220-000. E-mail: jhonathandidi@gmail.com

Perfil Epidemiológico do Câncer de Próstata em Adultos de 20 a 49 anos: uma Análise da Região Nordeste nos Últimos 5 Anos

Mariana Guimarães Nolasco Farias¹; Laís Costa Matias¹; Lucas Guimarães Nolasco Farias²; Maria Eduarda Nascimento Butarelli¹; Mariana Santos de Oliveira¹; Yasmin Melo Toledo¹

Introdução: A neoplasia maligna de próstata (NMP) é a segunda mais incidente no sexo masculino no Brasil, representando 31,7% de todos os casos novos em 2018, perdendo apenas para o câncer de pele não melanoma. A faixa etária mais acometida é a de 50 a 70 anos de idade, com incidência maior em países desenvolvidos. **Objetivo:** Analisar o número de internações e óbitos por NMP em adultos de 20 a 49 anos, no período 2014 a 2019, na Região Nordeste. **Método:** Coleta de dados na plataforma DATASUS sobre NMP (CID C61) com as variáveis: faixa etária, ano, sexo e etnia. **Resultados:** Foram analisados 588 casos de internação por NMP. Bahia foi o Estado mais acometido (36,55%) e Sergipe o menos (1,87%). A taxa de mortalidade do Estado da Bahia se mostrou a maior do Nordeste (34,6%); enquanto isto, Sergipe não manifestou óbitos. A faixa etária mais acometida é a de 40-49 anos, grupo que inclui 92% das internações e 76,9% dos óbitos. A maior quantidade de internações (26,9%) ocorreu em 2017, outrossim houve maior quantidade de óbitos em 2018 (20,06%). A etnia parda foi a que apresentou mais internações (65,8%) e óbitos (65,3%). **Conclusão:** A Região Nordeste é a segunda mais acometida por NMP no Brasil. A Bahia foi o Estado nordestino em que houve mais internações e óbitos, ao passo que Sergipe foi o que menos apresentou. A cor parda é a que mais sofre com NMP.

Palavras-chave: Neoplasia; Próstata; Epidemiologia; DATASUS; Nordeste.

¹ Graduanda em Medicina pela Universidade Tiradentes (UNIT-SE). Aracaju, SE, Brasil.

² Médico. Residente em Clínica Médica pelo Hospital do Ipiranga. São Paulo, SP, Brasil.

Endereço para correspondência: Mariana Guimarães Nolasco Farias. Avenida Hermes Fontes, 2022 – Luzia. Aracaju, SE, Brasil. CEP 49045-760. E-mail: marianagnf@outlook.com

Perfil Epidemiológico do Câncer de Laringe, em ambos os Sexos, no Período de 2015 a 2019: um Estudo Comparativo entre o Estado de Sergipe e a Região Nordeste

Mariana Guimarães Nolasco Farias¹; Laís Costa Matias¹; Lorena Oliveira Menezes¹; Lucas Guimarães Nolasco Farias²; Teresa Virgínia Neves Floriano¹; Yasmin Melo Toledo¹

Introdução: A neoplasia maligna de laringe (NML) representa 25% dos tumores malignos que acometem a região da cabeça e pescoço, sendo histologicamente predominante o carcinoma de células escamosas. Possui maior prevalência no sexo masculino, a partir da 4ª década, e ocorre nas áreas da supraglote, glote e subglote, com o aparecimento de cerca de 2/3 na corda vocal verdadeira. Os sintomas comuns são rouquidão e tosse persistente e o diagnóstico é usualmente através da laringoscopia, seguida de biópsia. **Objetivo:** Analisar a prevalência de casos de NML em ambos os sexos, fazendo uma comparação em Sergipe entre 2015 e 2019 em contraposição com o Nordeste. **Método:** Realizou-se um estudo observacional, transversal e retrospectivo, baseado na coleta de dados na plataforma DATASUS sobre NML (CID C32), no período de 2015 a 2019 com as variáveis de prevalência, taxa de mortalidade, sexo e região. **Resultados:** Como resultado, dos 31.787 casos de NML em Sergipe, 78,66% ocorreram em homens, já o Nordeste, com 2.042.863 casos, apresentou 81,21% de prevalência masculina. Ademais, a taxa de mortalidade no Nordeste foi 6,4%, em comparação à de Sergipe, nesse mesmo período, de 20,09%. Assim, os óbitos em Sergipe foram 3,13 vezes maiores que a média regional. **Conclusão:** Por fim, observou-se que Sergipe tem uma taxa de mortalidade maior que mundial e a mais preocupante taxa do Nordeste. Destarte, concluiu-se também que, em Sergipe, o sexo masculino foi mais acometido pela NML. Em congruência, o Nordeste em sua totalidade apresentou o mesmo resultado em relação à prevalência por sexo.

Palavras-chave: Câncer; Laringe; Nordeste; Epidemiologia; Sergipe.

¹ Graduanda em Medicina pela Universidade Tiradentes (UNIT-SE). Aracaju, SE, Brasil.

² Médico. Residente em Clínica Médica pelo Hospital do Ipiranga. São Paulo, SP, Brasil.

Endereço para correspondência: Mariana Guimarães Nolasco Farias. Avenida Hermes Fontes, 2022 – Luzia. Aracaju, SE, Brasil. CEP 49045-760. E-mail: marianagnf@outlook.com

A Importância do Licopeno na Prevenção do Câncer de Próstata

Andreza Karla Santana Campos¹; Rebeca Rocha de Almeida²; Layla dos Santos Ribeiro³; Luana Chaves dos Santos³

Introdução: O câncer de próstata é um dos tipos de cânceres responsáveis pelo aumento da mortalidade masculina. Nesse contexto, para combater o aparecimento de tumores malignos, é bastante considerável o uso do licopeno que é um tipo de carotenoide, encontrados nos alimentos como tomate e melancia. Sua principal função é atuar como antioxidante, auxiliando, por conseguinte, no combate aos radicais livres, prejudiciais à saúde, pois induzem a proliferação de células cancerígenas. **Objetivo:** Verificar o consumo de alimentos ricos em licopeno na prevenção do câncer de próstata. **Método:** Trata-se de uma revisão bibliográfica, na qual as referências teóricas foram realizadas por meio da base de banco de dados SciELO, LILACS, PubMed referentes a artigos dos anos de 2014 a 2019 e revistas de ordem científicas. De acordo com a Plataforma DECS e MESH as palavras-chave foram: câncer de próstata; licopeno. **Resultados:** Foram encontrados 7 artigos relacionados ao câncer de próstata e uso do licopeno como prevenção, entre eles, 4 mostraram ser eficazes na profilaxia da carcinogênese, pois induzem a apoptose de células cancerígenas e bloqueiam a formação de nitrosaminas, apesar que, em 3 artigos, relatam a necessidade de se realizar mais pesquisas clínicas, para comprovar os achados destes estudos científicos. **Conclusão:** Através da ingestão do licopeno foi notória a identificação de efeitos positivos como sua ação antioxidante que proporciona diminuir a deterioração celular, por meio da redução do estresse oxidativo, são considerados anti-inflamatórias, quimioterapêuticos e por estes motivos, seu consumo será bastante significativo no público oncológico. **Palavras-chave:** Câncer de Próstata; Licopeno; Antioxidantes.

¹ Graduanda em Nutrição, pelo Centro Universitário Estácio/Fase. Aracaju, SE, Brasil.

² Nutricionista formada pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), doutoranda e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da UFS, possui especialização em Saúde do Adulto e do Idoso pelo Hospital Universitário de Sergipe (HU-UFS), Pós-graduada em Nutrição Esportiva na Faculdade AVM.

³ Graduanda em Nutrição, pelo Centro Universitário Estácio/Fase. Aracaju, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Avenida Adélia Franco, 2288, Cond. Costa Dourada, Edif. Salinas, 1701 - Luzia. Aracaju, SE, Brasil. CEP 49048-010. E-mail: andreza_popstar@hotmail.com

O Uso de Simbióticos na Prevenção do Câncer Colorretal

Andreza Karla Santana Campos¹; Rebeca Rocha de Almeida²; Layla dos Santos Ribeiro³; Luana Chaves dos Santos³

Introdução: O câncer colorretal tem como os principais fatores de riscos tabagismo, alcoolismo, dieta. A atuação dos simbióticos que são produtos ou suplementos alimentares, cujo na sua composição será encontrada a combinação de prebióticos e probióticos. Através dessa sinergia, muitos efeitos positivos são encontrados para prevenção do câncer, como o aumento da resistência imunológica, colonização de microrganismos benéficos, integridade da microbiota intestinal e com isso, ocorrerá a diminuição da progressão de células neoplásicas. **Objetivo:** Revisar a importância do consumo de simbióticos na prevenção do câncer colorretal. **Método:** Trata-se de uma revisão bibliográfica, na qual as referências teóricas foram realizadas por meio de base de dados SciELO, LILACS, PubMed referentes a artigos dos anos de 2014 a 2018 de ordem científicos. De acordo com a Plataforma DECS e MESH as palavras-chave foram: Câncer colorretal; Simbióticos; Prevenção Primária; **Resultados:** Foram identificados 10 Artigos relacionados a prevenção do câncer colorretal com uso de simbióticos, entre eles, 7 artigos mostraram ser eficazes na prevenção da carcinogênese, onde obteve um aumento da produção do Interferon e propriedades imunomoduladoras, 3 artigos relataram a existência necessária de mais estudos e pesquisas clínicas para comprovar os achados destes estudos científicos. **Conclusão:** Através do consumo de simbióticos, foi notório os efeitos positivos na prevenção primária, como a redução do crescimento de células cancerígenas, o aumento de bactérias benéficas e a melhoria da integridade da microbiota intestinal, sendo ela de fundamental importância para a prevenção do câncer e por estes motivos, seu uso será bastante significativo no público oncológico.

Palavras-chave: Microbiota Intestinal; Simbiótico; Câncer Colorretal.

¹ Graduanda em Nutrição, pelo Centro Universitário Estácio/Fase. Aracaju, SE, Brasil.

² Nutricionista formada pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), doutoranda e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da UFS, possui especialização em Saúde do Adulto e do Idoso pelo Hospital Universitário de Sergipe (HU-UFS), Pós-graduada em Nutrição Esportiva na Faculdade AVM.

³ Graduanda em Nutrição, pelo Centro Universitário Estácio/Fase. Aracaju, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Avenida Adélia Franco, 2288, Cond. Costa Dourada, Edif. Salinas, 1701 - Luzia. Aracaju, SE, Brasil. CEP 49048-010. E-mail: andreza_popstar@hotmail.com

Miastenia Gravis como Síndrome Paraneoplásica

Francielle Santana Campos¹; Eduardo Tadeu Azevedo Moura²

Introdução: A miastenia gravis é uma enfermidade autoimune que acomete a junção neuromuscular, caracterizando-se por fadiga significativa e fraqueza de músculos esqueléticos, com predomínio no sexo feminino entre 20-34 anos e 70-75 anos nos homens. Além de constituir patologia primária pode manifestar-se como Síndrome Paraneoplásica, isto é, expressão clínica não decorrente de invasão direta ou metástase de tumor primário, das seguintes neoplasias: timoma, carcinoma microcítico de pulmão, linfoma de Hodgkin e neoplasia de mama. **Objetivo:** Revisar os tumores que possuem a Miastenia Gravis como Síndrome Paraneoplásica. **Método:** Foi realizado estudo de revisão em 17 artigos publicados no período de 2011 a 2019, nas bases de dados SciELO, Google Acadêmico, Bireme, LILACS. **Resultados:** A expressão de proteínas neuronais pelos tumores supracitados desencadeia a ativação de anticorpos que afetam equivocadamente o sistema nervoso, ou seja, ocorre reação cruzada entre o tecido hígido e o neoplásico. Entre os anticorpos presentes na Miastenia Gravis estão: antirreceptor nicotínico de acetilcolina (antirreceptor Ach), antiproteína 4 relacionada com o receptor da lipoproteína de baixa densidade (anti-LRP4), anticorpos antimúsculo estriado (antititina, antirrianodina), e antiquinase específica do músculo (antimusk). Mediante revisão realizada em 15% dos timomas há miastenia gravis com positividade para o antirreceptor Ach, o antititina e o antirrianodina. Outro achado foi que a patologia neuromuscular precedeu as malignidades linfoproliferativas em 2 a 36 anos. **Conclusão:** Portanto, é fundamental após o diagnóstico de miastenia gravis a busca pelas neoplasias citadas, visando ao tratamento precoce, sendo os anticorpos antineuronais referidos utilizados na detecção desses tumores.

Palavras-chave: Miastenia Gravis; Síndromes Paraneoplásicas; Linfoma Hodgking; Timoma.

¹ Graduanda em Medicina pela Universidade Tiradentes (UNIT-SE). Aracaju, SE, Brasil.

² Médico. Pós-graduado em Clínica Médica, Medicina Intensiva e Oncologia Clínica, e Especialização em Cuidados Paliativos. Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Avenida Adélia Franco, 2288, Cond. Costa Dourada, Edif. Salinas, 1701 - Luzia. Aracaju, SE, Brasil. CEP 49048-010. E-mail: rosasfloresecampos@gmail.com

Regressão de Massa Tumoral em Útero após Radioterapia em QUAD-SHOT: Melhora Clínica e Radiológica em Intenção Paliativa

Esther Alves Régis dos Santos¹; Amanda Ferreira Barbosa²; Carolyn Biasuz Faro³; William Giovanni Panfiglio Soares⁴; Waldhenice Nunes Silveira Ferreira⁵; Tathiane da Silva Oliveira⁶

Introdução: A terapia pós-operatória do carcinossarcoma uterino, altamente agressivo, ainda é alvo de discussões. A radioterapia paliativa para tumores uterinos recidivados e sintomáticos dura em média 2 semanas, cinco frações semanais e dose total acumulada de 30Gy. A técnica QUAD-SHOT utiliza altas doses em curto curso, por três aplicações com intervalo de 4 semanas. Essa técnica é estabelecida para tumores ovarianos; contudo, há poucos estudos em tumores uterinos. **Relato do caso:** Paciente de 81 anos, submetida à hysterectomia, anexectomia, linfadenectomia e omentectomia em 2016 devido a tumor mulleriano misto maligno uterino estágio I. Recebeu três ciclos de quimioterapia adjuvante com carboplatina AUC5 e paclitaxel 175mg/m²; sem indicação de radioterapia pós-operatória. Em 2017, apresentou sangramento genital e foi diagnosticada com recidiva vaginal, topografia uterina e nódulos peritoneais, sendo indicada quimioterapia com doxorubicina liposomal 50mg/m² e ifosfamida 2.500mg/m². Após nove meses, apresentava emagrecimento, dor pélvica, disúria e sangramento e novo PET-CT evidenciou progressão da doença pélvica com sangramento vaginal importante associada a mielotoxicidade. Recebeu QUAD-SHOT paliativo em pelve, dose dividida em 3 frações (1480cGy) com intervalo de quatro semanas. Evoluiu sem intercorrências, com resposta clínica completa e radiológica parcial de 60%. **Conclusão:** Como em paciente com câncer de ovário, a radioterapia QUAD-SHOT pode ser benéfica para pacientes com câncer uterino. O caso demonstra que essa técnica trouxe alívio sintomático e redução tumoral, sem graves efeitos colaterais apesar da alta dose de radiação.

Palavras-chave: Radioterapia; Fracionamento da Dose de Radiação; Neoplasias Uterinas; Cuidados Paliativos.

¹Graduada em Medicina pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Aracaju, SE, Brasil.

²Graduada em Medicina pela UFS. Lagarto, SE, Brasil.

³Médico Oncologista Clínico. Mestre em Ciências da Saúde pela UFS. Aracaju, SE, Brasil.

⁴Médica Radio-Oncologista pela Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil.

⁶Médica Oncologista Clínica pelo Hospital Felício Rocho - MEC. Belo Horizonte, MG, Brasil.

Endereço para correspondência: Esther Alves Régis dos Santos. Graduada em Medicina. Rua Guilhermino Resende, 61- São José. Aracaju, SE, Brasil. CEP 49015-170. E-mail: esther_regis@hotmail.com

Análise da Mortalidade por Adenocarcinoma de Retossigmoide, entre 2015 e 2019: um Comparativo entre o Estado de Sergipe e a Região Nordeste

Laís Costa Matias¹; Mariana Guimarães Nolasco Farias¹; Mariana Santos de Oliveira¹; Teresa Virgínia Neves Floriano¹; Yasmin Melo Toledo¹; Lucas Guimarães Nolasco Farias²

Introdução: O câncer colorretal, que acomete o intestino grosso e/ou reto, é a neoplasia maligna mais comum do trato gastrointestinal e teve sua incidência aumentada nos últimos anos. Nessa entidade nosológica, o adenocarcinoma localizado na junção retossigmoide configura-se como o mais prevalente e de maior importância clínica. Nesse contexto, sabe-se que tal subtipo histológico é a 3^o neoplasia maligna mais frequente no mundo e a 2^o causa de morte por câncer nos Estados Unidos. Ademais, contribui para sua etiologia fatores genéticos, ambientais e processos inflamatórios.

Objetivo: Analisar a epidemiologia associada a mortalidade por adenocarcinoma de retossigmoide, em ambos os sexos, fazendo-se um estudo comparativo entre o Estado de Sergipe e a Região Nordeste. **Método:** Realizou-se um estudo transversal, documental e retrospectivo com finalidade explicativa e científica. Foram obtidos dados do DATASUS referente à mortalidade por adenocarcinoma de retossigmoide, divididos por região e sexo no período de 2015 a 2019. **Resultados:** A taxa de mortalidade de Sergipe foi a maior comparada aos outros Estados do Nordeste, com 15,04% comparado ao total de 7,56% da região. Dos casos notificados de óbito no Nordeste, 55,93% ocorreram em mulheres, sendo essa porcentagem maior em Sergipe, com 57,50%. **Conclusão:** A partir dos dados, concluiu-se a elevada prevalência de óbitos por adenocarcinoma de retossigmoide em Sergipe comparado ao Nordeste. Verificou-se, também, predominância da mortalidade no sexo feminino. Destarte, por ser uma doença com alto potencial de mortalidade deve ser mais estudada para possibilitar melhor prognóstico aos pacientes.

Palavras-chave: Neoplasias Colorretais; Mortalidade; Estudo Comparativo.

¹ Acadêmicos do curso de Medicina da Universidade Tiradentes (UNIT-SE). Aracaju, SE, Brasil.

² Médico. Residente em Clínica Médica pelo Hospital do Ipiranga. São Paulo, SP, Brasil.

Endereço para correspondência: Laís Costa Matias. Avenida Adélia Franco, 3580 – Luzia. Aracaju, SE, Brasil. CEP 49048-010.
E-mail: laiscosta201@hotmail.com

Dor e Depressão em Pacientes com Neoplasia Oral e de Faringe

Ana Anjos¹; Claudiane Mahl²; Paulo Filho³; Alessandra Albuquerque⁴; Luís de Melo⁵; Luís Melo⁵; Lorena Lima⁶

Introdução: A dor oncológica tem impacto direto na qualidade de vida. Dessa forma, a catastrofização, pensamentos excessivamente negativos e de desesperança durante experiências dolorosas, podem contribuir para depressão e magnificação da condição. **Objetivo:** Avaliar a percepção da dor, a adequação analgésica dos pacientes diagnosticados com neoplasia oral e faringe (C00-14, C30 e C32) e sua influência sobre o nível de pensamentos catastróficos sobre dor e depressão. **Método:** Estudo transversal com análise descritiva de pacientes que iniciavam tratamento no hospital referência de Sergipe, agosto de 2017 a maio de 2019. Utilizaram-se instrumentos validados para coleta e análise estatística o software JASP 0.9.2.0. As variáveis numéricas foram testadas quanto à distribuição de normalidade com teste de Shapiro-Wilk e para correlação Pearson. A significância estatística foi 5% ($p \leq 0,05$). **Resultados:** Dos 91 pacientes, 80,2% era homens, idade média 57 anos (DP 14,4). Quase 80% em estágio IV da doença, 43% com índice de manejo da dor (IMD) inadequado e 40,8% com altos níveis de catastrofização, 30% referiram ter sentido dor máxima na última semana e 31% apresentavam sinais de depressão moderada a grave. Foi observada correlação entre a percepção da dor e catastrofização (Pearson: 0,488 $p=0,000$) e depressão (Pearson: 0,461 $p=0,000$). A catastrofização também esteve correlacionada com depressão (Pearson: 0,560 $p=0,000$). O IMD teve correlação com percepção da dor (Pearson: -0,398 $p=0,000$) e catastrofização (Pearson: -0,486 $p=0,000$). **Conclusão:** A dor está presente no dia a dia de grande parte dos pacientes, muitos com manejo inadequado e catastrofização, o que pode contribuir para o desenvolvimento de depressão.

Palavras-chave: Neoplasias Bucais; Catastrofismo; Percepção da dor; Depressão.

¹ Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Aracaju, SE, Brasil.

² Enfermeira. Mestre em Saúde e Comportamento. Docente do Departamento de Enfermagem da UFS. Lagarto, SE, Brasil.

³ Odontólogo. Doutor em Ciências da Saúde. Docente do Departamento de Educação em Saúde da UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁴ Graduanda em Odontologia pela UFS. Aracaju, SE, Brasil.

⁵ Graduando em Odontologia pela UFS. Aracaju, SE, Brasil.

⁶ Graduanda em Odontologia pela UFS. Aracaju, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Ana Clara Barreto Rabelo Anjos. E-mail:annaabarreto@gmail.com

Existe Relação entre Cinesiofobia e Capacidade Funcional de Ombro? um Estudo Descritivo em Mulheres Mastectomizadas

Fernanda Bispo de Oliveira¹; Renata Grasiela Lopes de Jesus²; Maiana Damares Santos Silva³; Rayane Jesus Santana³; Mariana Tirolli Rett⁴; Walderi Monteiro da Silva Júnior⁴.

Introdução: O câncer de mama é a neoplasia maligna mais frequente entre as mulheres. Apesar do tratamento, após a mastectomia, essas mulheres apresentam predisposição a cinesiofobia que se caracteriza por catástrofe da dor, medo do movimento, comportamento evitador, o que pode resultar, em desuso e incapacidade funcional do ombro. **Objetivo:** Verificar a cinesiofobia e capacidade funcional do ombro em mulheres após a mastectomia, além de correlacionar essas variáveis. **Método:** Estudo descritivo, transversal, realizado em instituições de assistência às pacientes com câncer do município de Aracaju/SE, aprovado pelo Comitê de Ética da UFS (número 2.898.511). Foram incluídas mulheres que realizaram mastectomia e que finalizaram o tratamento pelo SUS há pelo menos 01 ano. Para avaliar a cinesiofobia foi utilizada a Escala Tampa, que quanto maior pontuação, pior escore. Para avaliar a capacidade funcional, foi utilizado o DASH, que tem 30 questões e quanto maior o escore, pior capacidade funcional. **Resultados:** Foram incluídas 84 voluntárias com média de idade de $55,67 \pm 11,53$ anos, o tempo de cirurgia de $7,95 \pm 3,5$ anos. Em 67,5% das mulheres, o lado acometido foi o esquerdo, 85% realizaram quimioterapia e 82,5% radioterapia. A Escala TAMPA foi de $42,85 \pm 11,60$, classificada como moderada e o escore do DASH foi de $31,55 \pm 19,25$. A correlação linear apresenta-se positiva, forte e estatisticamente significativa ($r=1$; $p=0,005$). **Conclusão:** A cinesiofobia foi moderada e demonstrou relação direta com a capacidade funcional. Assim, acredita-se que fatores biológicos, sociais, biomecânicos e psicológicos estão associados aos resultados funcionais do ombro após a mastectomia.

Palavras-chave: Neoplasias de Mama; Capacidade funcional; Cinesiofobia.

¹ Fisioterapeuta. Mestranda em Educação física. Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão, SE, Brasil.

² Graduanda em Fisioterapia. UFS. São Cristóvão, SE, Brasil.

³ Fisioterapeuta. UFS. São Cristóvão, SE, Brasil.

⁴ Fisioterapeuta. Professor-Doutor. UFS. São Cristóvão, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Fernanda Bispo. Avenida Beira Mar, 662, Sala 30 – Farolândia. Aracaju, SE, Brasil. CEP 49032-000. E-mail: fisio.nanda.oliveira@hotmail.com

Correlação entre Força Muscular Escapular e Capacidade Funcional do Ombro em Mulheres Mastectomizadas

Fernanda Bispo de Oliveira¹; Renata Grasiela Lopes de Jesus²; Maiana Damares Santos Silva³; Rayane Jesus Santana³; Mariana Tirolli Rett⁴; Walderi Monteiro da Silva Júnior⁴

Introdução: O câncer de mama é frequente entre mulheres. As complicações no ombro decorrentes da mastectomia são comuns, como déficit de força na musculatura escapular que pode interferir negativamente na realização das atividades de vida diária. **Objetivo:** Verificar a correlação entre força muscular escapular e capacidade funcional do ombro após a mastectomia. **Método:** Estudo descritivo, transversal, realizado em instituições de assistência às pacientes com câncer do município de Aracaju/SE, aprovado pelo Comitê de Ética da UFS (número 2.898.511). Foram incluídas 84 mulheres que realizaram mastectomia e que finalizaram o tratamento pelo SUS há pelo menos 1 ano. Para avaliar a força muscular foi utilizado um dinamômetro escapular 100 kgf da marca Crown®. Para avaliar a capacidade funcional do ombro foi utilizado o questionário SPADI que contém 13 itens, os valores variam de 0 a 100, sendo que a maior pontuação indica pior situação de função do ombro. **Resultados:** Foram avaliadas 84 voluntárias com média de idade de $55,67 \pm 11,53$ anos, o tempo de cirurgia de $7,95 \pm 3,5$ anos. O lado acometido predominante foi o esquerdo, em 67,5% das mulheres, 85% realizaram quimioterapia e 82,5% radioterapia. A média obtida da dinamometria escapular foi de $8,16 \pm 3,23$ Kgf e do SPADI $51,44 \pm 28,63$. Observa-se uma correlação linear, positiva, forte e significativa entre pontuação total do SPADI e a dinamometria escapular ($r=1$; $p=0,027$). **Conclusão:** A força muscular escapular é essencial para a capacidade funcional do ombro. Assim, programas que incluam fortalecimento escapular, podem beneficiar a realização das atividades de vida diária das mulheres mastectomizadas.

Palavras-chave: Neoplasias de Mama; Força Muscular; Capacidade Funcional; Ombro.

¹ Fisioterapeuta. Mestranda em Educação física. Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão, SE, Brasil.

² Graduanda em Fisioterapia. UFS. São Cristóvão, SE, Brasil.

³ Fisioterapeuta. UFS. São Cristóvão, SE, Brasil.

⁴ Fisioterapeuta. Professor-Doutor. UFS. São Cristóvão, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Fernanda Bispo. Avenida Beira Mar, 662, Sala 30 – Farolândia. Aracaju, SE, Brasil. CEP 49032-000. E-mail: fisio.nanda.oliveira@hotmail.com

Perfil dos Pacientes com Câncer de Cabeça e Pescoço e Tempo de Atraso para o Diagnóstico e Tratamento, Sergipe, 2017 a 2019

Ana Anjos¹; Claudiane Mahl²; Paulo Filho³; Alessandra Albuquerque⁴; Luís de Melo⁵; Luís Melo⁵; Maria Almeida⁶

Introdução: O câncer de cabeça e pescoço é o quinto tipo de neoplasia mais comum no mundo. A análise das características clínicas e epidemiológicas contribui para intervenções locais, qualificando os serviços ofertados. **Objetivo:** Descrever as características socioeconômicas e clínicas dos pacientes no hospital referência do Estado de Sergipe de 2017 a 2019. **Método:** Trata-se de um corte transversal de um estudo de coorte prospectiva que está em andamento. Foram incluídos os pacientes em início de tratamento contra o câncer de cavidade oral e laringe (C00-C14, C30 e C32). Os dados foram analisados no programa estatístico JASP 0.9.2.0. As variáveis numéricas foram testadas quanto à distribuição de normalidade com teste de Shapiro-Wilk e para correlação Pearson. A significância estatística foi 5% ($p \leq 0,05$). **Resultados:** Dos 91 pacientes, 80,2% eram homens, sem companheiro (54,9%), analfabetos (35,2%), ensino fundamental (53,8%), renda inferior a um salário (76,9%). Alcoolistas/ex-alcoolistas (57%) e tabagistas/ex-tabagistas (84,6%). Quase 80% dos pacientes em IV estágio e 38,5% dos pacientes morreram antes do término do tratamento. O tempo médio de atraso do início dos sintomas até o diagnóstico foi de 411 dias (DP 781,51, min. 1 e máx. 4389) e do diagnóstico até o início do tratamento foi de 142 dias (DP 106,55, min. 1 e máx. 552). Foi observada correlação positiva entre óbito e estágio avançado da doença (Person: 0,311 $p=0,016$) e com tabagismo (Person: 0,211 $p=0,044$). **Conclusão:** Reforça-se a importância de realizar diagnóstico precoce e tratamento imediato para redução da mortalidade e melhoria da qualidade de vida dos pacientes.

Palavras-chave: Neoplasias de Cabeça e Pescoço; Óbito; Estadiamento do Câncer.

¹ Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Aracaju, SE, Brasil.

² Enfermeira. Mestre em Saúde e Comportamento. Docente do Departamento de Enfermagem da UFS. Lagarto, SE, Brasil.

³ Odontólogo. Doutor em Ciências da Saúde. Docente do Departamento de Educação em Saúde da UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁴ Graduanda em Odontologia pela UFS. Aracaju, SE, Brasil.

⁵ Graduando em Odontologia pela UFS. Aracaju, SE, Brasil.

⁶ Graduanda em Odontologia pela UFS. Aracaju, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Ana Clara Barreto Rabelo Anjos. E-mail:annaabarreto@gmail.com

A Radiologia Terapêutica na Redução dos Riscos de Osteoradionecrose

Isaac Rafael Silva Lima¹; Camila Evelyn Perete de Feitas²; Matheus Liniker de Jesus Santos³; Luana Santos Costa⁴; Isabela Santos Alcântara⁵; Murilo Machioro⁶

Introdução: Com os avanços na terapia oncológica do tratamento de cânceres de cabeça e pescoço, a radioterapia foi associada à quimioterapia, elevando a cura para a doença. Uma grande emblemática abordada são os efeitos dessa terapia, como a osteoradionecrose (ORN). O risco do desenvolvimento de ORN, sobretudo em mandíbula, limita a indicação cirúrgica, reduzindo a qualidade de vida dos pacientes. **Objetivo:** Apresentar uma estatística da literatura recente sobre a relação da radioterapia e ORN e as proposições para a redução desta. **Método:** Foi realizado um levantamento minucioso da literatura dos últimos cinco anos. A plataforma Science Direct foi utilizada com as palavras-chave: osteoradionecrose, oncologia, radioterapia. **Resultados:** A taxa de crescimento sutil das pesquisas, variando no corrente ano apenas 6% se comparado à 2015, torna a temática ainda pouco trabalhada e controversa. A escassez de literatura, estimula a proposição de métodos modernos que visem reduzir o risco de ORN associado a radioterapia. Alguns achados recentes propõe a minimização da radiação em mandíbula a partir de métodos de controle de intensidade radiológica ou por inserção de terapia de prótons. **Conclusão:** Apesar de serem novas proposições, a relação ORN e radioterapia ainda é controversa, exigindo aos profissionais da saúde cautela no manejo desses pacientes. **Palavras-chave:** Oncologia; Osteonecrose; Radioterapia.

¹ Graduando em Fisioterapia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão, SE, Brasil.

² Dentista, Mestranda em Ciências Fisiológicas pela UFS, São Cristóvão, SE, Brasil.

³ Biólogo, Mestrando em Ciências Fisiológicas pela UFS, São Cristóvão, SE, Brasil.

⁴ Enfermeira, Mestranda em Ciências Fisiológicas pela UFS, São Cristóvão, SE, Brasil.

⁵ Biomédica, Mestranda em Biologia Parasitária pela UFS, São Cristóvão, SE, Brasil.

⁶ Pós-doutor em Neurobiologia Celular, Professor do Departamento de Fisiologia da UFS, São Cristóvão, SE, Brasil

Endereço para correspondência: Laboratório de Neurofisiologia, Departamento de Fisiologia. Avenida Marechal Rondon s/n - Jardim Rosa Elze. São Cristóvão, SE, Brasil. CEP 49100-000. E-mail: m.ljs@outlook.com

Imunoterapia em Câncer de Mama: Revisão Integrativa

Mariana Soares Goes¹; João Paulo Dias Costa²; Edelson Martins de Oliveira Júnior²; Tiago Vasconcelos Fonseca²; Júlia Lorena Santos de Souza³; Simone Yuriko Kameo⁴

Introdução: A imunoterapia consiste no estímulo e auxílio no funcionamento do sistema imunológico. Pode ser realizada estimulando o próprio sistema a combater as células cancerígenas ou administrando proteínas produzidas em laboratório para auxiliar no tratamento do câncer. **Objetivo:** Analisar a produção científica relacionado à utilização da imunoterapia no tratamento do câncer de mama. **Método:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura com consultas na Biblioteca Virtual em Saúde em setembro de 2019, utilizando os descritores imunoterapia AND câncer de mama, no ano de 2018, nas línguas portuguesa e inglesa. **Resultados:** Foram encontrados 34 artigos e utilizados 7 conforme critérios de inclusão. Foram descritas três estratégias imunoterapêuticas; passiva, onde há transferência de elementos imunes que vão agir diretamente no tumor do paciente, ou realização da transferência de células imunes citotóxicas que destroem células tumorais; ativa, consiste na utilização de vacinas que mediam a regressão do câncer de mama ou até remissão completa e a utilização de agentes imunomoduladores, que atuam na imunidade antitumoral endógena e adquirida, podem ser combinados para agir no tumor. Apesar dos avanços, há alguns desafios, como a melhora das taxas de resposta e seu uso em outros tipos de câncer de mama. **Conclusão:** Assim, observa-se que a imunoterapia para o câncer de mama têm sido benefício terapêutico crescente, por muitas vezes combinados entre si a fim de aumentar a atividade antitumoral, modificando a carga da doença em favor das respostas das células T e aumentando a sobrevida de pessoas com câncer de mama.

Palavras-chave: Imunoterapia; Câncer; Câncer de Mama.

¹ Graduanda de Enfermagem. Departamento de Enfermagem. Universidade Federal de Sergipe (UFS). Lagarto, SE, Brasil.

² Graduando de Medicina. Departamento de Medicina. UFS. Lagarto, SE, Brasil.

³ Graduanda de Terapia Ocupacional. Departamento de Terapia Ocupacional. UFS. Lagarto, SE, Brasil.

⁴ Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela USP, docente do Departamento de Educação em Saúde da UFS. Lagarto, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Mariana Soares Goes. Praça João José da Trindade, 4 – Industrial. Boquim, SE, Brasil. CEP 49360-000. E-mail: marianasoaresgoes@outlook.com

A Causa da Dor: Dificuldades de Acesso de Pacientes Oncológicos ao Tratamento

João Paulo Dias Costa¹; Natan Martins Machado²; Tiago Vasconcelos Fonseca³; Julia Lorena Santos de Souza⁴; Mariana Soares Goes⁵; Simone Yuriko Kameo⁶

Introdução: No Brasil, pacientes diagnosticados com câncer devem iniciar seu tratamento em até 60 dias após diagnóstico, como diz a Lei n.º 12.732 de 2012. Hoje, porém, muitos pacientes oncológicos enfrentam dificuldades de acesso ao seu tratamento, seja pelo grande período de espera ou por questões financeiras. **Objetivo:** Analisar a produção científica relacionado ao acesso do paciente oncológico ao tratamento de qualidade. **Método:** Revisão integrativa literária, realizada a partir da base de dados SciELO, utilizando os descritores: *Neoplasms AND Health Services Accessibility AND treatment*, incluindo estudos nas línguas portuguesa, inglesa, publicados entre 2015 e 2019. **Resultados:** Foram encontrados 17 estudos e utilizados 9 conforme critérios de inclusão. Além da falta de recursos e de infraestrutura, o status socioeconômico demonstrou-se um fator importante para o início e qualidade do tratamento. Aqueles com maior renda e escolaridade têm acesso mais rápido a exames diagnósticos, o que diminui o tempo necessário para início do tratamento. Além disso, foram descritas dificuldades de acesso a tratamentos mais atuais, como uso de imunoterapia na rede pública e deficiência no número de aparelhos de radioterapia e consequente dificuldade no acesso a este tipo específico de tratamento oncológico. **Conclusão:** Os problemas que os pacientes oncológicos enfrentam para conseguir um tratamento adequado tem início principalmente no momento do diagnóstico do câncer. Há demora na aprovação de exames diagnósticos e dificuldades de acesso as modalidades terapêuticas. Ainda assim foram descritos uma grande diferença entre a infraestrutura da rede pública e privada, dificultando ainda mais o tratamento e recuperação do indivíduo.

Palavras-chave: Acesso aos Serviços de Saúde; Neoplasias; Tratamento.

¹ Graduando. Departamento de Medicina da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Campus Lagarto. Lagarto, SE, Brasil.

² Graduando. Departamento de Medicina da UFS. Campus Lagarto. Lagarto, SE, Brasil.

³ Graduando. Departamento de Medicina da UFS. Campus Lagarto. Lagarto, SE, Brasil.

⁴ Graduando. Departamento de Terapia Ocupacional da UFS. Campus Lagarto. Lagarto, SE, Brasil.

⁵ Graduanda. Departamento de Enfermagem da UFS. Campus Lagarto. Lagarto, SE, Brasil.

⁶ Enfermeira. Doutora. Departamento de Educação em Saúde da UFS. Campus Lagarto. Lagarto, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: João Paulo Dias Costa. Avenida Francisco Antônio de Figueiredo, 1200 - Condomínio Grand View, Casa 15 – Getúlio Vargas. Lagarto, SE, Brasil. CEP 49400-000. E-mail: jpcosta1200@gmail.com

Aspectos Emocionais em Homens com Câncer de Pênis: Revisão Integrativa

Tiago Vasconcelos Fonseca¹; Mateus Vasconcelos Fonseca²; Mariana Soares Goes³; João Paulo Dias Costa⁴; Simone Yuriko Kameo⁵

Introdução: O câncer de pênis é um tipo raro de neoplasia em países desenvolvidos, diferentemente do que ocorre em países emergentes, a qual associada principalmente à má higiene íntima, a infecções pelo papilomavírus humano (HPV) e à presença de fimose, sendo mais prevalente em homens de 50 anos, com baixa escolaridade. **Objetivo:** Analisar a produção científica relacionado aos aspectos emocionais em homens com diagnóstico de câncer de pênis. **Método:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura sobre aspectos emocionais de homens com câncer de pênis, com consultas no PubMed, SciELO e Scholar Google em setembro de 2019, utilizando os descritores Neoplasias Penianas AND Psicologia, nas línguas portuguesa e inglesa. **Resultados:** Foram encontrados 12 estudos conforme critérios de inclusão. Entre os aspectos psicológicos, 6 estudos demonstraram que diversos homens tiveram alterações na função sexual e 3 apresentaram casos de suicídio. Um estudo exibiu preferência de pacientes por tratamentos menos eficazes em detrimento da penectomia total ou parcial. Além disso, o julgamento social e influências culturais apresentaram-se como obstáculos para o diagnóstico precoce e o tratamento dessa neoplasia. Outros aspectos apresentados nesses pacientes foram vergonha, tristeza e depressão. **Conclusão:** A “perda de masculinidade” representada pela amputação do pênis é um medo relacionado com diversas questões culturais e sociais. Existe, também, um medo do julgamento social decorrente da localização do câncer e das consequências do tratamento. Tal realidade promove uma detecção tardia com a doença em estágio avançado, dificultando o tratamento conservador e aumentando o risco de morte dessa doença.

Palavras-chave: Neoplasias Penianas; Psicologia; Transtornos de Adaptação.

¹ Graduando em Medicina. Universidade Federal de Sergipe (UFS). Campus Lagarto. Lagarto, SE, Brasil.

² Graduando em Medicina. UFS. Campus São Cristóvão. São Cristóvão, SE, Brasil.

³ Graduanda em Enfermagem. UFS. Campus Lagarto. Lagarto, SE, Brasil.

⁴ Graduando em Medicina. UFS. Campus Lagarto. Lagarto, SE, Brasil.

⁵ Enfermeira. Doutora. UFS. Campus Lagarto. Lagarto, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: Tiago Vasconcelos Fonseca. Rua Humberto Pinto do Vale, 118, Condomínio Solares, Edifício Caravelas, Apartamento 4 – Grageru. Aracaju, SE, Brasil. CEP 49025-310. E-mail: tiagovasconcelos_@hotmail.com

Cigarro Eletrônico: o Cigarro do Século XXI e seus Riscos à Saúde

João Paulo Dias Costa¹; Tiago Vasconcelos Fonseca²; Julia Lorena Santos de Souza³; Maila dos Santos Azevedo⁴; Mariana Soares Goes⁵; Simone Yuriko Kameo⁶

Introdução: Os vaporizadores conhecidos como cigarros eletrônicos ganham cada vez mais espaço no mercado. Nos Estados Unidos, ele é mais utilizado pelo público jovem do que o cigarro convencional. O Centro de Controle de Doenças americano relaciona o seu uso a mais de 193 casos de uma doença pulmonar misteriosa que já causou óbitos.

Objetivo: Analisar a produção científica relacionado ao acesso do paciente oncológico ao tratamento de qualidade.

Método: Revisão integrativa da literatura, feita a partir de publicações do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA) e nas bases de dados PubMed e *Scopus*, em setembro de 2019, com os descritores *Vaping AND Diseases* e *Vaping AND Neoplasms*. Foram analisadas publicações feitas entre 2016-2019, nas línguas inglesa e portuguesa.

Resultados: Foram encontrados 144 estudos e utilizados 13, conforme critérios de inclusão. Os vaporizadores possuem inúmeras substâncias oxidantes, mutagênicas, citotóxicas e carcinogênicas, ou seja, que aumentam o risco de desenvolvimento de câncer e causam danos à saúde semelhantes ao cigarro, havendo hoje, um aumento do uso entre adolescentes e pessoas que nunca utilizaram outro tipo de cigarro. **Conclusão:** O cigarro eletrônico é tratado por diversos pesquisadores apenas como um redutor de danos e está associado a diversos problemas, incluindo câncer. Somado a isso, parece representar um risco às políticas antitabagismo, ao expor diversas pessoas, que normalmente não seriam expostas, aos riscos semelhantes ao tabaco e servindo de porta de entrada para o mesmo, fator de risco para diversas neoplasias.

Palavras-chave: Doenças; Neoplasias; Sistemas Eletrônicos de Entrega de Nicotina.

¹ Graduando. Departamento de Medicina da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Campus Lagarto. Lagarto, SE, Brasil.

² Graduando. Departamento de Medicina da UFS. Campus Lagarto. Lagarto, SE, Brasil.

³ Graduando. Departamento de Terapia Ocupacional da UFS. Campus Lagarto. Lagarto, SE, Brasil.

⁴ Graduanda. Departamento de Enfermagem da UFS. Campus Lagarto. Lagarto, SE, Brasil.

⁵ Graduanda. Departamento de Enfermagem da UFS. Campus Lagarto. Lagarto, SE, Brasil.

⁶ Enfermeira. Doutora. Departamento de Educação em Saúde da UFS. Campus Lagarto. Lagarto, SE, Brasil.

Endereço para correspondência: João Paulo Dias Costa. Avenida Francisco Antônio de Figueiredo, 1200, Condomínio Grand View, Casa 15 – Getúlio Vargas. Lagarto, SE, Brasil. CEP 49400-000. E-mail: jpcosta1200@gmail.com